

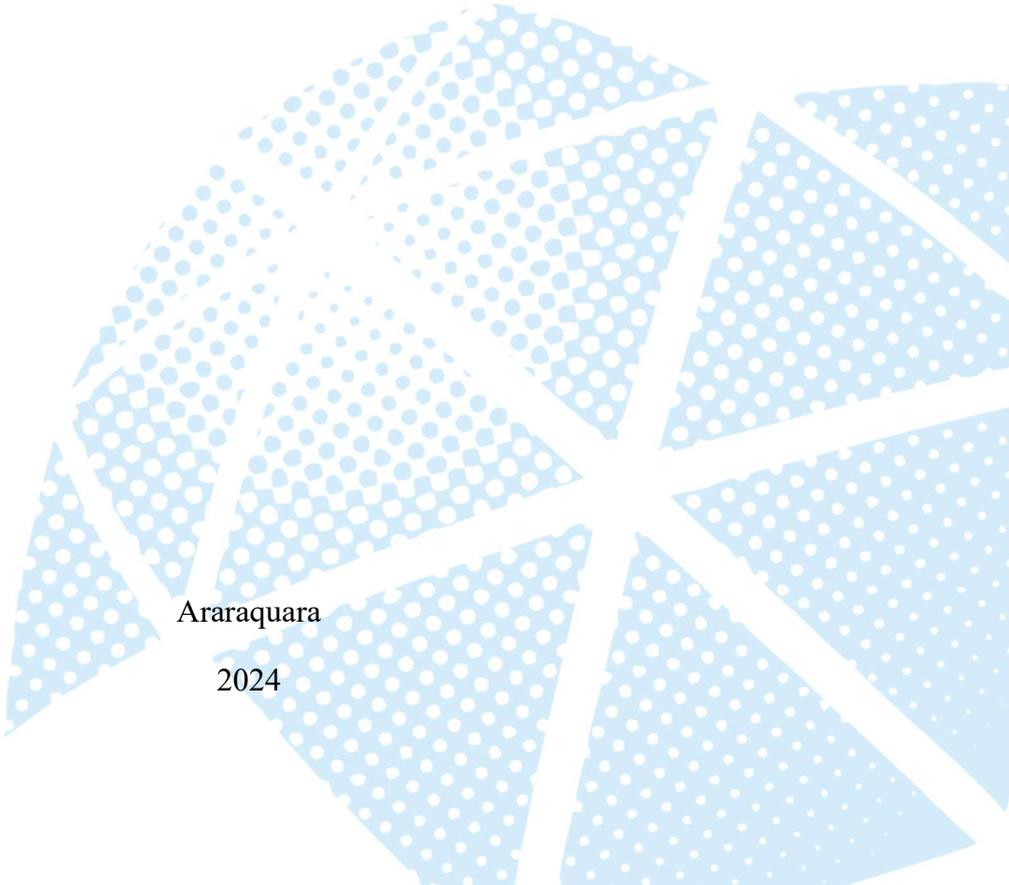
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS
CAMPUS DE ARARAQUARA

LÚCIO CRUZ SILVEIRA AMORIM

A LÍNGUA DE SINAIS FAMILIAR DA ZONA RURAL DE TIROS: UM ESTUDO
SOBRE UMA COMUNIDADE SURDA ISOLADA

Araraquara

2024



LÚCIO CRUZ SILVEIRA AMORIM

**A LÍNGUA DE SINAIS FAMILIAR DA ZONA RURAL DE TIROS: UM
ESTUDO SOBRE UMA COMUNIDADE SURDA ISOLADA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/FCLAr, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientadora: Dra. Angélica T. C. Rodrigues.

Coorientador: Dr. Anderson A. da Silva

Araraquara

2024

A5241

Amorim, Lucio Cruz Silveira

A LÍNGUA DE SINAIS FAMILIAR DA ZONA RURAL DE
TIROS : UM ESTUDO SOBRE UMA COMUNIDADE SURDA
ISOLADA / Lucio Cruz Silveira Amorim. -- Araraquara, 2024

124 p. : tabs., fotos, mapas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientadora: Angelica Terezinha Carmo Rodrigues

Coorientador: Anderson Almeida-Silva

1. Sociolinguística. 2. Variação Linguística. 3. Libras. 4. Surdos. 5.
Língua de Sinais Emergente. I. Título.

LUCIO CRUZ SILVEIRA AMORIM

A LÍNGUA DE SINAIS FAMILIAR DA ZONA RURAL DE TIROS:

UM ESTUDO SOBRE UMA COMUNIDADE SURDA ISOLADA

Tese de doutorado, apresentada ao Conselho, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, para obtenção do título de Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa.

Área de Concentração: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Data da defesa: 15/08/2024

Banca Examinadora:

Profª. Dra. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues

UNESP - Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras –
Unesp/Araraquara

Prof. Dr. Marcelo Porto

Universidade Federal do Paraná

Profª. Dra. Sylvia Lia Grespan Neves

Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Rodrigo Nogueira Machado

Universidade Federal do Ceará

Profª. Dra. Michelle Andrea Murta

Universidade Federal do Minas Gerais

AGRADECIMENTOS

Minhas primeiras palavras...

Quero agradecer a Deus, por estar presente na minha vida e ser luz no meu caminho, sem Ele seria impossível escrever esta tese.

Agradeço imensamente os habitantes de Tiros. Fui lá na cidade 3 vezes e fiquei lá quase 15 dias. Estive ao lado de vocês, estou sem palavras, de coração!!!. Também aprendi muito com vocês sobre a vida social e a língua de sinais. Sempre grato eterno.

Quero agradecer, também:

Ao meu pai, Luiz Carlos Silveira Amorim, que foi para o céu, sempre incentivando meu estudo e me apoiando em tudo na minha vida. Jamais esquecerei do meu pai.

À minha mãe, Lucia Cruz Silveira, porque sempre me criou na minha infância e, também, preocupada com meus estudos.

Às minhas irmãs, Luciane Cruz Silveira e Lucy Cruz Silveira, pois convivemos na infância até agora. Elas sempre tiveram paciência comigo. Também aprendi muito da vida convivendo com elas.

À minha esposa, Adriana Andreia de Oliveira Silveira, não tenho como viver sem ela, pois sempre me incentivou nesta pesquisa, tendo tolerância quando eu fico horas longe da família e ela, com amor, cuida dos nossos filhos.

Aos meus filhos, Luciano de Oliveira Silveira Amorim e Andréia de Oliveira Silveira Amorim, que nasceram surdos, eu amo vocês!

Aos intérpretes Thiago, agradeço muito por ele, começo estudo de doutorado com ele, e, em especial à intérprete Lis Maximo e Melo, Jucemara Aguiar Sousa, Sarah Leite Lisbão e Bianca Aparecida Medeiros, que aceitaram acompanhar transcrição Libras para português com muita paciência.

Ao ex-coordenador do Curso de Pós-graduação Faculdade de Ciências e Letras - Câmpus de Araraquara, Prof. Dr. Jean Cristtus Portela, porque é muito especial para mim, oportunizou a acessibilidade para realização do meu estudo de Doutorado.

Aos professores do curso da Pós-Graduação, não tenho como expressar minha gratidão ao vivenciar aulas tão maravilhosas.

À minha orientadora, Professora Dra. Angélica Rodrigues, pelo carinho, amizade e as trocas de experiências que propiciaram a realização deste trabalho.

Ao meu coorientador Dr. Anderson Almeida, sempre preocupado com meu estudo e me ajudando muito na pesquisa na área de sociolinguística.

Aos meus queridos colegas, pela amizade e pelos bons momentos vividos juntos durante todos esses anos.

Agradeço muito a Família de Lenir, sempre me receberam bem, com carinho, na cidade de Tiros e de Uberlândia. Maria de Fatima é muito especial e aprendi muito com ela, inclusive a língua de sinais Tiros. Lenir também é muito especial para mim, sempre paciente, acompanhando quase 4 anos, e seu marido Bruno aceitou cuidar das 3 meninas. Lenir sempre me acompanhou na minha pesquisa como “intérprete” de Língua de Sinais Tiros.

Quero agradecer às famílias de Maria de Fatima, Orlando, Flavia, Silvany, Fabio, Ana Lúcia (Surda), Belchoir, Lurdinha, Lurdes, Aparecida. Também fui bem recebido na cidade de Uberlândia, por isso agradeço a Jose, Vanilda, Ana Lúcia (ouvinte), Leopoldina, Ivani (surda) e Ivani (ouvinte).

A todos que, de alguma forma, contribuíram direta ou indiretamente para que o objetivo deste trabalho fosse atingido.

RESUMO

Esta tese tem como objetivo registrar e descrever aspectos da língua de sinais familiar usada por membros de uma mesma família residentes na zona rural da cidade de Tiros, no estado de Minas Gerais, Brasil. A família de Lenir é composta por pessoas surdas e ouvintes e desfruta de um ambiente linguístico bilíngue e bimodal. Nossa investigação será feita a partir do contato com 23 integrantes da família: 10 surdos e 13 ouvintes. Desses 10 surdos, 5 utilizam exclusivamente a língua de sinais da família, a qual identificamos como língua de sinais de Tiros ou LST. Os demais surdos utilizam também a Língua Brasileira de Sinais. Os ouvintes, por sua vez, fazem uso da língua de sinais da família e o português oral. O objetivo é buscar resgatar a história da emergência dessa língua e descrever aspectos da sua gramática, com registros de sinais lexicais, parâmetros fonológicos e a estrutura gramatical básica. Considerando o contexto de bilinguismo e bimodalidade, devemos considerar também a possibilidade de contato linguístico com a Libras e o português. A fundamentação teórica que sustenta nossas hipóteses e análise compreende os trabalhos publicados sobre línguas de sinais emergentes e sistemas de comunicação manual (Armstrong; Wilcox, 2003; Pfau; Quer, 2010 et al., 2012; entre outros). A metodologia de coleta de dados busca estabelecer a distribuição geracional dos sinalizantes e se centra na elicitación e na produção de dados naturalísticos a partir de estímulos diversos, como entrevistas semiestruturadas, Haifa clips e estímulos visuais. Como resultado, oferecemos uma descrição inicial da língua de sinais de Tiros, fomentando discussões sobre a questão da emergência linguística em contexto de línguas de sinais emergentes ou naturais em microcomunidades surdas brasileiras.

Palavras-Chaves: Sociolinguística; Variação Linguística; Libras; Surdos; Língua de Sinais Emergente.

ABSTRACT

This thesis aims to record and describe aspects of the family sign language used by members of the same family living in the rural area of the city of Tiros, in the state of Minas Gerais, Brazil. Lenir's family is made up of deaf and hearing people and enjoys a bilingual and bimodal linguistic environment. Our investigation will be carried out through contact with 23 family members: 10 deaf and 13 hearing. Of these 10 deaf people, 5 use exclusively the family sign language, which we identify as Tiros sign language or LST. The other deaf people also use Brazilian Sign Language. Listeners, in turn, use their family sign language and oral Portuguese. The objective is to recover the history of the emergence of this language and describe aspects of its grammar, with records of lexical signs, phonological parameters and the basic grammatical structure. Considering the context of bilingualism and bimodality, we must also consider the possibility of linguistic contact with Libras and Portuguese. The theoretical foundation that supports our hypotheses and analysis comprises published work on emerging sign languages and manual communication systems (Armstrong; Wilcox, 2003; Pfau; Quer, 2010 et al., 2012; among others). The data collection methodology seeks to establish the generational distribution of signers and focuses on the elicitation and production of naturalistic data from various stimuli, such as semi-structured interviews, Haifa clips and visual stimuli. As a result, we offer an initial description of the Tiros sign language, encouraging discussions on the issue of linguistic emergence in the context of emerging or natural sign languages in Brazilian deaf micro-communities.

KEYWORDS: Sociolinguistics; Linguistic Variation; Libras; Deaf; Emerging Sign Language.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1: Bruno, Lenir, Maria De Fatima, Orlando, Eu e Adriana (esquerda para direita)	20
Figura 2: Dra. Angélica Rodrigues, Maria de Fatima, Eu e Dr. Anderson Almeida (esquerda para direita)	22
Figura 3: Caderno de José Maria	24
Figura 4: Família de Jair	28
Figura 5: Família de Leopoldina (esposo de Jair)	29
Figura 6: Tiros	36
Figura 7: Uberlândia X Tiros são de 311 km	36
Figura 8: Localização no mapa	37
Figura 9: PEIXE e GALINHA na cena	46
Figura 10: Primeira vez que fui à cidade de Tiros	51
Figura 11: Discussão sobre metodologia com orientadores	51
Figura 12: Anotação na LST	55
Figura 13: Elan	56
Figura 14: Entrevista individual e Entrevista dupla	56
Figura 15: Entrevista trios e Conversação da história	57
Figura 16: Haifa Clips-1	58
Figura 17: Haifa Clips-2	58
Figura 18: Haifa Clips-3	59
Figura 19: Haifa Clips-4	59
Figura 20: TER (Libras)	64
Figura 21: ALEMANHA (Libras)	64
Figura 22: FERMENTO	65
Figura 23: PODRE	65
Figura 24: VONTADE/QUERER	65
Figura 25: AÇÚCAR-1	66
Figura 26: PRECISAR-1 um mãos (Libras)	66
Figura 27: PRECISAR-2 duas mãos (Libras)	66
Figura 28: BEBÊ-1 duas mãos	67
Figura 29: BEBÊ-2 uma mão	67
Figura 30: MORRER um mão	68
Figura 31: MORRER duas mãos	69

Figura 32: ESQUECER-1	70
Figura 33: ESQUECER-2	70
Figura 34: TRISTEZA	71
Figura 35: CHORAR	71
Figura 36: HOMEM	72
Figura 37: MULHER-2	72
Figura 38: VIAJAR	72
Figura 39: ESCONDER	73
Figura 40: VER	74
Figura 41: NÃO-VER	74
Figura 42: MEDO	75
Figura 43: PROBLEMA	75
Figura 44: NÃO-DEIXAR ou PROIBIDO	76
Figura 45: CONSELHO	76
Figura 46: FAZENDA	77
Figura 47: FAZENDA-ÓTIMO-POSITIVO	77
Figura 48: FAZENDA-RUIM-NEGATIVO	77
Figura 49: DESARRUMAR	78
Figura 50: SUJO	78
Figura 51: FRIO	79
Figura 52: QUENTE	79
Figura 53: NÃO-QUERER	81
Figura 54: QUERER / GOSTAR	82
Figura 55: GOSTAR-FICAR-SENTAR	82
Figura 56: O-QUÊ?	83
Figura 57: MULHER-1	85
Figura 58: MELHOR-AMIGO-1	86
Figura 59: MELHOR-AMIGO-2	86
Figura 60: AÇUCAR-2	87
Figura 61: MARIA-DE-FATIMA	89
Figura 62: ORLANDO	89
Figura 63: VANILDA	90
Figura 64: LEOPOLDINA	90

Figura 65: ANA-LUCIA	91
Figura 66: AMARELO	93
Figura 67: AZUL	93
Figura 68: VERMELHO	93
Figura 69: VERDE	94
Figura 70: UM-MÊS	95
Figura 71: LUCRO	95
Figura 72: 1-MIL	96
Figura 73: MUITOS-ANOS	97
Figura 74: MANHÃ	97
Figura 75: NOITE	97
Figura 76: SEXTA-FEIRA	98
Figura 77: SÁBADO	98
Figura 78: DOMINGO	98
Figura 79: CAVALO	99
Figura 80: GALINHA	100
Figura 81: PORCO	100
Figura 82: GATO	100
Figura 83: NÃO-1 com língua	102
Figura 84: NÃO-2 sem língua	102
Figura 85: NINGUÉM atender	103
Figura 86: NINGUÉM-1 vazio	104
Figura 87: NINGUÉM-2 uma mão	104
Figura 88: NÃO mão com língua	105
Figura 89: SABER	106
Figura 90: SABER-MUITO	106
Figura 91: BOM-DEMAIS com mão	107
Figura 92: PRIMEIRA-VEZ	108
Figura 93: CRIANÇA	108
Figura 94: PEQUENA-MOEDA	109
Figura 95: GRANDE-MOEDA	110
Figura 96: BEZERRO	110
Figura 97: MAGRO	111

Figura 98: MAIS-VELHO	111
Figura 99: MAIS-NOVO	112
Figura 100: VELHA	112
Figura 101: SAL-1 sem mão	113
Figura 102: SAL-2 com mão	113
Figura 103: COCO-1 sem mão	114
Figura 104: COCO-2 com mão	114
Figura 105: BOM-DEMAIS-1 com mão	115
Figura 106: BOM-DEMAIS-2 sem mão	115

LISTAS DE QUADROS

Quadro 01: Tipo de comunidades surdas	39
Quadro 02: Língua de Sinais do Brasil	39
Quadro 03: Língua de Sinais Emergentes do Brasil	42
Quadro 04: Nomes da entrevista	53
Quadro 05: Tabela de Haifa Clip	62

LISTAS DE ABREVIACÕES SIGLA

AFADA – Associação Filantrópica de Assistência ao Deficiente Auditivo

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CLT - Consolidação das Leis do Trabalho

CODA – Child of Deaf Adult

COVID 19 – Corona Virus Disease 2019

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

LS – Língua de Sinais

LSE – Língua de Sinais Emergentes

LST – Língua de Sinais de Tiros

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

Unesp - Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 DESCRIÇÃO GERAL DA COMUNIDADE SINALIZANTE DE TIROS	20
2.1 ÁRVORE GENEALÓGICA	26
2.2 SINALIZANTES MAIS PROFICIENTES EM LST	31
2.2.1 Perfil de Maria de Fátima	31
2.2.2 Perfil de Lenir	32
2.2.3 Perfil de Ivani (surda)	33
2.2.4 Perfil de Lurdinha	34
2.3. CONTEXTO SOCIAL E GEOGRÁFICO DA LST	35
3 LÍNGUAS DE SINAIS EMERGENTES.....	38
3.1 Sobre a origem das línguas de sinais emergentes.....	47
4 METODOLOGIA.....	50
5 ANÁLISE DE DADOS.....	60
5.1 HAIFA CLIPS	60
5.2 ASPECTOS FONOLÓGICOS	63
5.2.1 Pares mínimos	63
5.2.2 Variação na realização de parâmetros	66
5.3 ASPECTOS DO LÉXICO DA LST	71
5.3.1 Elaboração de sinais pessoais em LST	88
5.3.2 Cores.....	92
5.3.3 Numerais.....	94
5.3.4 Animais.....	99
5.4 ASPECTOS SINTÁTICOS DA LÍNGUA DE SINAIS TIROS.....	101
5.4.1 Negação	101
5.4.2 Intensidade.....	106
5.5 EXPRESSÃO NÃO MANUAIS EM LST	108
5.5.1 Sinal manual e não-manual.....	112
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
REFERÊNCIAS.....	119

1 INTRODUÇÃO

As línguas de sinais são reconhecidas como línguas, pois possuem as mesmas propriedades que caracterizam as línguas orais, em relação aos seus aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos de acordo com sua modalidade visual e gestual. O reconhecimento político das línguas de sinais, no mundo, partiu das reivindicações dos movimentos sociais surdos, com o apoio das pesquisas linguísticas e pedagógicas. No entanto, no Brasil, a língua de sinais nacional, a Libras (Língua Brasileira de Sinais), só foi reconhecida com *status* linguístico e de oficialização do seu uso como direito da comunidade surda brasileira em 2002 pela Lei nº 10.436, que descreve a Libras como “uma forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (Brasil, 2002, p.23).

Todavia, a Libras não é a única Língua de Sinais usada no Brasil. Quadros (2019), retomando Quadros e Silva (2017), apresenta um mapeamento de trabalhos que se debruçaram sobre a descrição de Línguas de Sinais usadas em aldeias, como dos Sateré-Waré (Azevedo, 2015), Caingangue (Giroletti, 2008), Kaiowá (Vilhalva, 2012) e Pataxó (Damasceno, 2017), e em comunidades isoladas como as Línguas de Sinais conhecidas como Cena (Pereira, 2013; Almeida-Silva; Nevins, 2020), Acenos (Cerqueira; Teixeira, 2016), Língua de Sinais de Fortalezinha (Fuselier, 2004), Língua de Sinais de Porto de Galinhas (Fuselier, 2004) e Língua de Sinais Caiçara (Temóteo, 2008).

O Brasil tem, portanto, diferentes Línguas de Sinais Emergentes (Quadros, 2019; Almeida-Silva e Nevins, 2020; Oliveira, 2021; Pfau e Quer, 2010) com diferentes graus de descrição e documentação.

Vemos, desse modo, que a despeito do uso das línguas de sinais comunitárias, institucionalizadas, usadas em centros urbanos, muitas línguas de sinais são usadas em comunidades isoladas social ou geograficamente e sua emergência está relacionada à alta incidência de surdez, como relatado em Meir et al. (2010).

Gostaria de iniciar esta tese explicando como surgiu meu interesse em pesquisar a língua de sinais usada na cidade de Tiros-MG. Meu interesse surgiu quando fui à chácara de José Maria, a convite de Lenir, e pude conhecer a família deles, que passa a identificar como família de Lenir, que é formada por pessoas surdas e ouvintes. Estava sentado, observando que a comunicação entre eles não é língua brasileira de sinais, eram sinais de Tiros-MG, que eles

chamavam de “SINAIS” OU “ACENAR”. Começo interrogando a cada pessoa por curiosidade. No ano 2012, queria realizar essa pesquisa, mas a Universidade Federal de Uberlândia não tem linha sociolinguística com orientador(a) que soubesse a Libras ou área de Surdos, por isso esse tema ficou guardado até 2019. Meus estudos tomaram outro caminho, a área de Educação de Surdos, área em que concluí o mestrado. Procurei outras universidades que oferecessem a linha de sociolinguística com orientador(a) que soubesse em Libras. Quando apresentei o meu trabalho no Congresso da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Dra Angélica Rodrigues e Drº Rimar Segala estavam lá e assistiram meu trabalho. Drº Rimar Segala me indicou tentar na Universidade Estadual Paulista (Unesp) com a orientadora Profa. Dra. Angélica Rodrigues, que sabe Libras. Eu pensei que essa pesquisa é muito valiosa para o registro da Língua de Sinais Emergentes de Tiros-MG.

A incidência de surdez na Família de Lenir parece ser o que levou à emergência de um sistema de comunicação manual que tem sido usado há, pelo menos, três gerações. Muitos pesquisadores têm se dedicado ao estudo das línguas de sinais e língua de sinais emergentes no Brasil e no mundo. Isso faz com que a cada dia novas descobertas surjam para melhor compreensão e fortalecimento dessas línguas e sua cultura.

Por se tratar de uma língua de sinais pequena, familiar, com poucos sinalizantes, é muito importante registrar a língua de sinais Tiros e dar-lhe o verdadeiro valor, que deve, inclusive, ser discutido com os próprios sinalizantes surdos e ouvintes. Isso porque os próprios sinalizantes de Língua de Sinais Tiros-MG e os moradores da região desvalorizam a língua, pois a comparam com a Libras que eles veem na TV, que é a língua de sinais institucionalizada. Nosso trabalho visa, portanto, não apenas a documentação para fins de análise linguística, mas também a promoção de uma discussão sobre a valorização dessa língua de sinais, para que, assim possam se sentir orgulhosos e compreendam melhor o nosso trabalho de pesquisa.

O objetivo principal desta tese é registrar e descrever a língua de sinais emergente ou familiar, usada por membros surdos e ouvintes da Família de Lenir, residentes na zona rural do município de Tiros, no estado de Minas Gerais.

Dentre os objetivos específicos, destacamos (i) a realização do registro de sinais lexicais básicos como termos de família, animais, cores, objetos, etc; (ii) análise das articulações de boca, tendo em vista suas funções lexicais e gramaticais; (iii) apresentação de aspectos gramaticais básicos, como a identificação de parâmetros fonológicos e pares mínimos de palavras.

De acordo com Maher (2013), além do português, são faladas, hoje no Brasil, mais de 222 línguas, dentre línguas maternas, línguas indígenas, línguas de imigração e línguas de sinais.

Pesquisadores como Goldin-Meadow e Mylander (2009) afirmam que esses sinais caseiros e ainda os utilizados por uma comunidade isolada são altamente estruturados. Fusellier-Souza (2006) denomina sistemas como esses de línguas emergentes, assegurando que essa microlíngua familiar retoma as primeiras etapas de constituição das línguas de sinais propriamente ditas.

Esta tese está organizada da seguinte forma: na seção 2, apresentaremos o perfil da microcomunidade de surdos de Tiros, assim como aspectos geográficos e históricos da cidade e da comunidade. Na seção 3, Fundamentação Teórica, faremos uma revisão da bibliografia especializada sobre línguas de sinais emergentes e sobre sociolinguística. Na seção 4, está a metodologia. A seção 5 contém os resultados e discussões sobre a análise dos dados. Por fim, na seção 6, temos as considerações finais e, na seção 7, as referências bibliográficas.

2 DESCRIÇÃO GERAL DA COMUNIDADE SINALIZANTE DE TIROS

O núcleo familiar de Lenir tem mais de três gerações usando o que vamos chamar nesta tese de língua de sinais Tiros (LST, daqui em diante). Os parentes até os primos ouvintes sabem se comunicar com os surdos mais próximos aos familiares, por exemplo: tios, primos e vizinhos. Os que moram juntos vivem com os surdos e sabem LST. Quase todos os que se distanciaram da família somente conseguem se comunicar com o básico, por gestos. A maioria dos surdos não estudou, pois ajudavam os pais deles, trabalhando na colheita de plantas, arrumando as casas e lavando as roupas. Aos fins de semana, sempre participaram das festas de famílias ou aniversário da cidade, também participavam da igreja que não tinha intérpretes, só observavam e rezavam.

Há mais ou menos 40 anos, alguns membros da família se mudaram para Uberlândia e Brasília por causa de empregos e as irmãs ouvintes se mudaram para Uberlândia e depois voltaram em Tiros e buscaram alguns familiares ouvintes e surdos que se mudaram para Uberlândia. Depois quase todos foram para Uberlândia e uma foi para Brasília. Permanecem duas surdas que ainda estão lá em Tiros, ambas casadas.

Figura 1: Bruno, Lenir, Maria de Fatima, Orlando, eu e Adriana (esquerda para direita)



Fonte: arquivo pessoal

Tiramos as fotos na primeira vez que estive na cidade de Tiros e acompanhado deles, fiz alguns registros em vídeo de uma conversa natural espontânea entre eles.

No primeiro dia, fui visitar a casa de Apricho e Sena, pais de Ivani (surda) e Ana Lúcia (surda), que estão idosos e comunicaram pouco porque estão doentes e fracos. Em seguida, fomos à casa de Maria de Fátima e Orlando. Foi bom conhecê-los mesmo. Ali já fiz filmagem dos vídeos que eles autorizaram e se animaram muito. Até os filhos dela autorizam serem filmados. Também aceitaram serem entrevistados na próxima visita. Maria de Fátima têm 3 filhos que são fluentes em LST e conversam normalmente sem dificuldades, sendo identificados como CODA (do inglês “child of deaf adult” que significa filho de pais surdos).

No segundo dia, visitamos a família de Maria de Fátima e seus filhos. Estávamos fazendo o churrasco e conversamos muito desde de manhã até 16 horas. Depois fui visitar novamente na casa de Apricho e Sena com filha dela caçula que é ouvinte fluente em LST e todos se comunicam normalmente, sem dificuldade de compreensão ou dúvidas em relação aos sinais. Na minha primeira percepção, não era possível distinguir os familiares ouvintes e surdos, pois todos são sinalizantes fluentes. Tivemos outro momento de interação na pizzaria com família de Maria de Fátima e conversamos muito sobre história da cidade de Tiros. Segundo a opinião de Flávia, filha de Maria de Fátima, a Língua de Sinais Tiros é melhor do que a Libras porque é mais fácil de aprender, além de se comunicarem com os ouvintes que também aprenderam mais rápido e conseguiram se comunicar em poucos dias com os novos sinais. Flávia tentou aprender a Libras, mas não deu certo, voltou a utilizar a LST, pois se sente bem. Maria de Fátima se casou com o Orlando, que é surdo oralizado, e ele aprendeu a LST em alguns meses e conseguiu se comunicar com todos. Também a Silvany, filha de Fátima, casou-se com um rapaz Aduato, ouvinte, que aprendeu LST rapidamente.

No terceiro dia, fui visitar a casa de Lourdes, conhecida por Lurdinha, e foi um encontro maravilhoso. Ela é irmã caçula do pai de Maria de Fátima e Lenir e demonstra ser melhor sinalizante. Pensei que era surda, mas não é. Ela é ouvinte, mas fluente em LST e apresenta forte expressão facial. Lourdes sempre se comunica com a irmã dela, que é surda, chamada Ziva, residente em Brasília e realizou uma videochamada por *webcam* e conversaram naturalmente.

A segunda visita que fizemos na cidade de Tiros, éramos eu, minha orientadora e meu coorientador, veja o abaixo a foto:

Figura 2: Dra. Angélica Rodrigues, Maria de Fatima, eu e Dr. Anderson Almeida (esquerda para direita)



Fonte: Elaboração do próprio autor

Nessa viagem, realizamos coleta de dados, realizando filmagem em quase todas as casas e fazendas.

O tio de Lenir, Geraldinho Ramiro e Ziva, são surdos e aparentemente foram os que começaram os primeiros sinais em Tiros, que eram usados também pelos ouvintes, irmãos principalmente. Desse modo, o pai de Lenir e Maria de Fátima, Jair, já conhecia os sinais de Tiros, que aprendeu com os irmãos surdos e, provavelmente, passou esses sinais para as três filhas surdas, que também conviveram com esses tios. Jair casou-se com a mãe de Lenir, Leopoldina que também aprendeu sinais por causa da comunicação com a cunhada surda Ziva. Jair e Leopoldina tiveram nove filhos: quatro surdos e cinco ouvintes. Maria de Fátima é a mais velha e aprendeu primeiro a se comunicar em sinais com o pai e a tia. Depois Maria Vanilda, em seguida José e por fim a Lenir.

Maria de Fátima sempre ajudou na fazenda, também cuidava de Lenir, se responsabilizava pelos cuidados com a casa, alimentação, plantação. Convivia com Maria Vanilda (surda), Ivani (ouvinte), Vilmar, Benilton, Benício e Ana Lúcia (ouvinte) (irmãos ouvintes) e moravam na cidade de Tiros. Seu pai, Jair, ordenou que os filhos surdos ficassem morando na fazenda e os filhos ouvintes poderiam se mudar para a cidade. Maria de Fátima ajudou muito o pai que trabalhava plantando feijão, arroz, mandioca. Também fazia farinha, era responsável pela comida, cuidar da plantação, levar as marmitas para os pais.

Maria Vanilda ajudava em alguns momentos: queria ir embora em busca de oportunidades melhores de emprego e foi fazer o curso de costureira, autorizada pela mãe. Ela ia para a cidade com irmão Benício, que trabalhava como professor. Posteriormente, Benício mudou de área e começou a trabalhar como caminhoneiro. Fátima, Maria Vanilda e José nunca foram para a escola. Por um período de aproximadamente 3 a 4 anos, Benício voluntariamente ensinava a Maria Vanilda, depois precisou parar por conta do trabalho. Os outros irmãos não tinham interesse em estudar, muito provavelmente porque não tinha acessibilidade na escola.

Ana Lúcia (ouvinte) foi quem mudou primeiro. Ela estudou na cidade de Tiros e queria estudar um curso superior, mas não havia em sua cidade, por isso se mudou para Uberlândia. Ela percebeu que em Uberlândia havia muita oferta de emprego enquanto em Tiros quase não tinha, por ser uma cidade pequena e ter empresas de porte pequeno. Durante seis anos, Ana Lúcia (ouvinte) morou com uma tia. A primeira pessoa surda a deixar a cidade de Tiros foi Maria Vanilda para ir para Uberlândia com a irmã Ana Lúcia (ouvinte) e com Benício, Benilton, Vilmar e Ivani (ouvinte). Todos foram morar juntos em uma casa alugada. Ficaram na cidade de Tiros, Lenir e José Maria morando com os pais. Fátima se casou e saiu da casa dos pais.

Ana Lúcia (ouvinte) levou Maria Vanilda para ajudar a cuidar da casa dela e depois Maria Vanilda começou a trabalhar como costureira. Muitas pessoas a procuravam para fazer roupas e isso a ajudou a prosperar na vida. Por conta da dificuldade de se comunicar com outros surdos, ficou um período isolada até que conheceu um surdo com quem se casou. Foram morar em Uberlândia e permanecem juntos até hoje. Eles têm dois filhos ouvintes, e um deles sabe muito bem a LST, sendo também identificados como CODA.

Por último, os pais também aceitaram se mudar para Uberlândia, onde alugaram uma fazenda por um período de mais ou menos 4 anos. Depois, o pai, Jair, decidiu vender a fazenda que tinha em Tiros, para comprar uma fazenda e uma casa em Uberlândia.

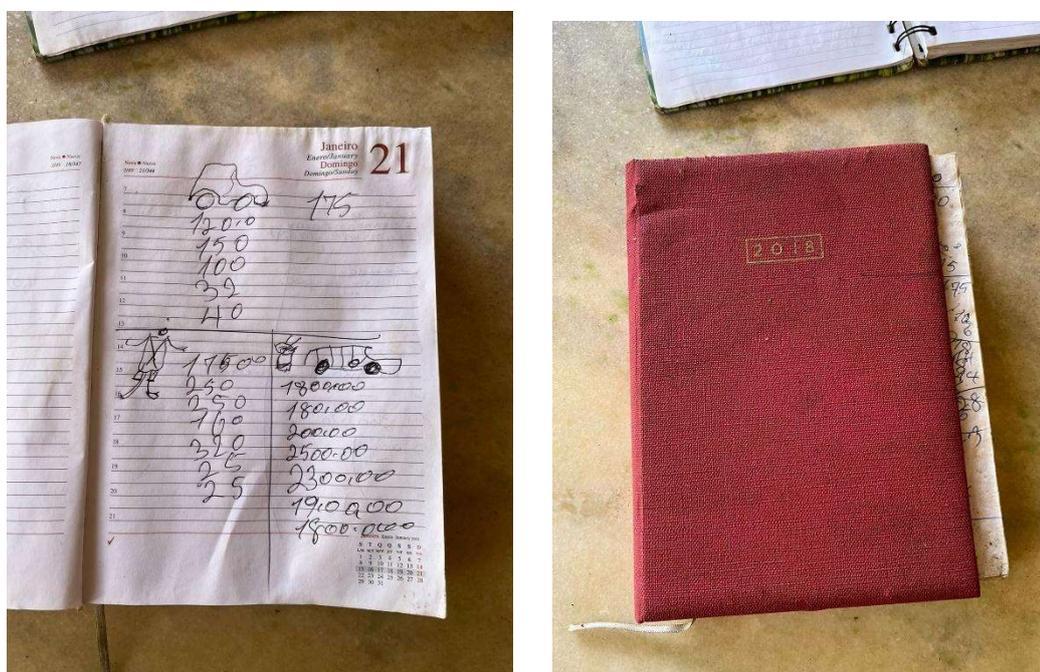
Os irmãos surdos, Lenir e José, vieram morar com irmã Ana Lúcia (ouvinte). Lenir entrou na AFADA, uma escola especial e depois foi para uma escola municipal onde estudou até a sexta série. Ela consegue separar o momento de se comunicar em LST e Libras até hoje. Passaram alguns anos, ela encontrou Bruno, que morava em Uberlândia. Namoraram por muitos anos e se casaram. Hoje eles têm 3 filhas que são ouvintes. Quando começamos a pesquisar sobre os sinais de Tiros, Bruno ficou interessado e começou aprender. A filha mais velha da Lenir sabe o básico da LST, já Bruno usa mais a Libras, mas aprendeu e consegue se comunicar com os demais surdos da família. Lenir se casou com o Bruno e usa mais Libras por causa do marido, aprendeu Libras porque foi estudar na AFADA, frequentava a igreja e

encontrava com outros surdos. Ela relatou que tem mais afinidade com a Libras, pois se mudou para Uberlândia com 9 anos, e aos 10 anos já começou a aprender Libras na escola, diminuindo seu contato com a Língua de Sinais Tiros. Ainda assim, se mantém fluente em LST e é capaz de fazer uma tradução clara para Libras. Por conta disso, Lenir foi minha interlocutora e me ajudou muito durante a elaboração da tese, estando sempre disponível para ajudar com as traduções e explicações sobre os dados.

Em Uberlândia ainda moram atualmente os 5 surdos e todos são bilíngues porque convivem na região urbana de Uberlândia e participam na Associação dos Surdos onde aprenderam Libras e não aprenderam a escrita do português.

O outro irmão surdo, José Maria, começou trabalhar com os pais dele na fazenda e depois comprou mais terras para iniciar a criação de vacas, os porcos, as galinhas, entre outros. Também vende queijos e leite. Ele não sabe ler as palavras em português e apesar disso faz tudo sozinho e conquistou tudo o que tem. Alguns clientes compram os leites e os queijos e José faz as entregas nas casas deles sem colocar seus nomes, como estratégia ele desenha cada casa, coloca número ou coloca a imagem do rosto deles.

Figura 3: Caderno de José Maria



Fonte: arquivo pessoal

José se casou com Ivani (surda), que é sua prima e que já tinha um filho que é ouvinte e que o ajuda nos trabalhos da fazenda, faz compras, vendas. Quando precisa realizar uma

ligação para um cliente ou fornecedor, o filho que é o responsável por essa função. José foi conquistando mais terras e aumentando sua produção, a qualidade de vida da família melhorou. José, quando encontra sua família, se comunica com LST, quando encontra surdos consegue se comunicar em Libras, pois é bilíngue. Por frequentar a Associação dos Surdos, começou a aprender a Libras e conseguiu separar as duas línguas, se comunicando de forma clara. O filho de Ivani (surda), Matheus, mora com a mãe e sabe LST e não quer voltar para Tiros, ele quer continuar morando em Uberlândia. Sua formação é 2º grau completo. Ele tem interesse em fazer faculdade, mas ainda não escolheu o curso.

Apenas Maria de Fátima nunca saiu da cidade de Tiros e não teve contato com surdos de outras cidades. O primeiro marido de Maria de Fátima era ouvinte, mas não sinalizava bem e ela relata que a comunicação entre eles era difícil. Ele já é falecido. Atualmente ela é casada com Orlando, surdo oralizado, que aprendeu LST bem rápido, a partir de 2016. Maria de Fátima tem 3 filhos que são ouvintes e usam LST.

Vanilda se casou com um surdo que sinaliza e mistura entre Libras e LST. Eles têm 2 filhos ouvintes, que continuam usando LST e sinais caseiros. A única irmã ouvinte, Ivani, tem interesse em aprender a Libras, mas ainda continua usando LST, mas ambas sabem a diferença das duas línguas de sinais. Ziva, que mora em Brasília com os 3 filhos, também usam LST.

Os quatro surdos que ainda moram em Tiros utilizam LST e quase não viajam para outras cidades. São eles: Maria de Fátima, com seu marido Orlando, e sua prima Ana Lúcia (surda) e seu marido Belchior.

Ana Lúcia (surda), prima de Maria de Fátima, é uma irmã de Ivani (surda). As duas irmãs conviveram e cresceram juntas à família de Maria de Fátima, pois sempre foram vizinhas. Tanto Ana Lúcia (surda) quanto sua irmã Ivani (surda) aprenderam LST com a família da Maria de Fátima. Seus os pais, meios-irmãos por parte de pai e vários primos aprenderam a se comunicar, ainda que não com muita proficiência, com elas e os demais surdos da família usando a LST.

Ana Lúcia (surda) continua morando em Tiros e se casou com Belchior (surdo) que já morou em Uberlândia e em Patos de Minas. Atualmente, Belchior usa mais LST por causa do convívio com a esposa e com outros surdos como Orlando, marido de Maria de Fátima, com quem mantém contato frequente. Ana Lúcia (surda) e Belchior tiveram duas filhas ouvintes que sabem se comunicar um pouco com pais surdos, mas, como não autorizaram gravação durante a pesquisa, a sua proficiência em LST é desconhecida.

Embora as irmãs Ana Lúcia (surda) e Ivani (surda) tenham uma convivência profunda com as irmãs Maria de Fátima, Vanilda e Lenir, pudemos observar que há variação na sinalização dos dois núcleos familiares. Por exemplo o sinal para mulher é feito como na Figura 57 por Ana Lúcia e Ivani e como na Figura 37 por Maria de Fátima, Vanilda e Lenir:

Figura 57: MULHER-1



https://youtu.be/N2fBI8IG_4Y

Figura 37: MULHER-2



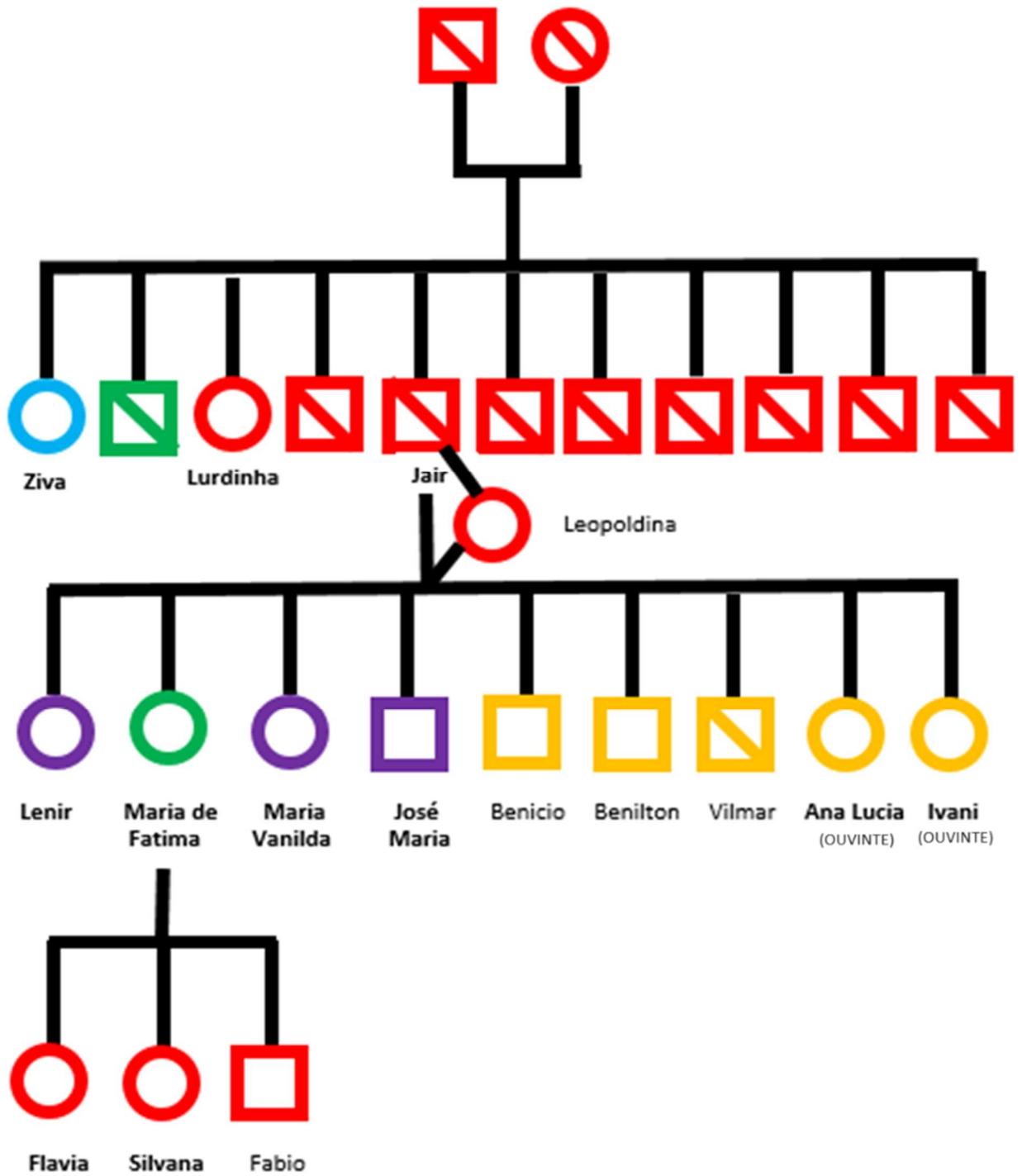
<https://youtu.be/j7dCc0NSsLQ>

Na família, não existem irmãos ouvintes que tenham aprendido Libras e a maioria usa LST. Alguns irmãos só sabem os sinais básicos, como OI ou OBRIGADO, mas não se comunicam por Libras. Os ouvintes não convivem com outros surdos que moram em Uberlândia e só os membros da Família de Lenir. A maioria usa LST e se comunicam com bastante fluência sem qualquer dúvida quanto ao entendimento ou ao contexto. Quando eu vi a Família de Lenir se comunicando não era perceptível qual deles era surdo e qual era ouvinte. Todos se comunicam naturalmente em língua de sinais, algo muito diferente do que vemos nas famílias de surdos que vivem nas cidades.

2.1 ÁRVORE GENEALÓGICA

Vejamos a seguir a árvore genealógica da família em que apresentamos 3 gerações familiares do mesmo ramo e um outro ramo derivado da segunda geração e terceira geração. É preciso esclarecer que, tendo em vista os casamentos consanguíneos entre primos da mesma família, a elaboração da árvore genealógica da família apresenta desafios. De todo modo, buscamos fazer uma representação para que possamos explicitar a quantidade e a relação de parentesco entre as pessoas surdas da família.

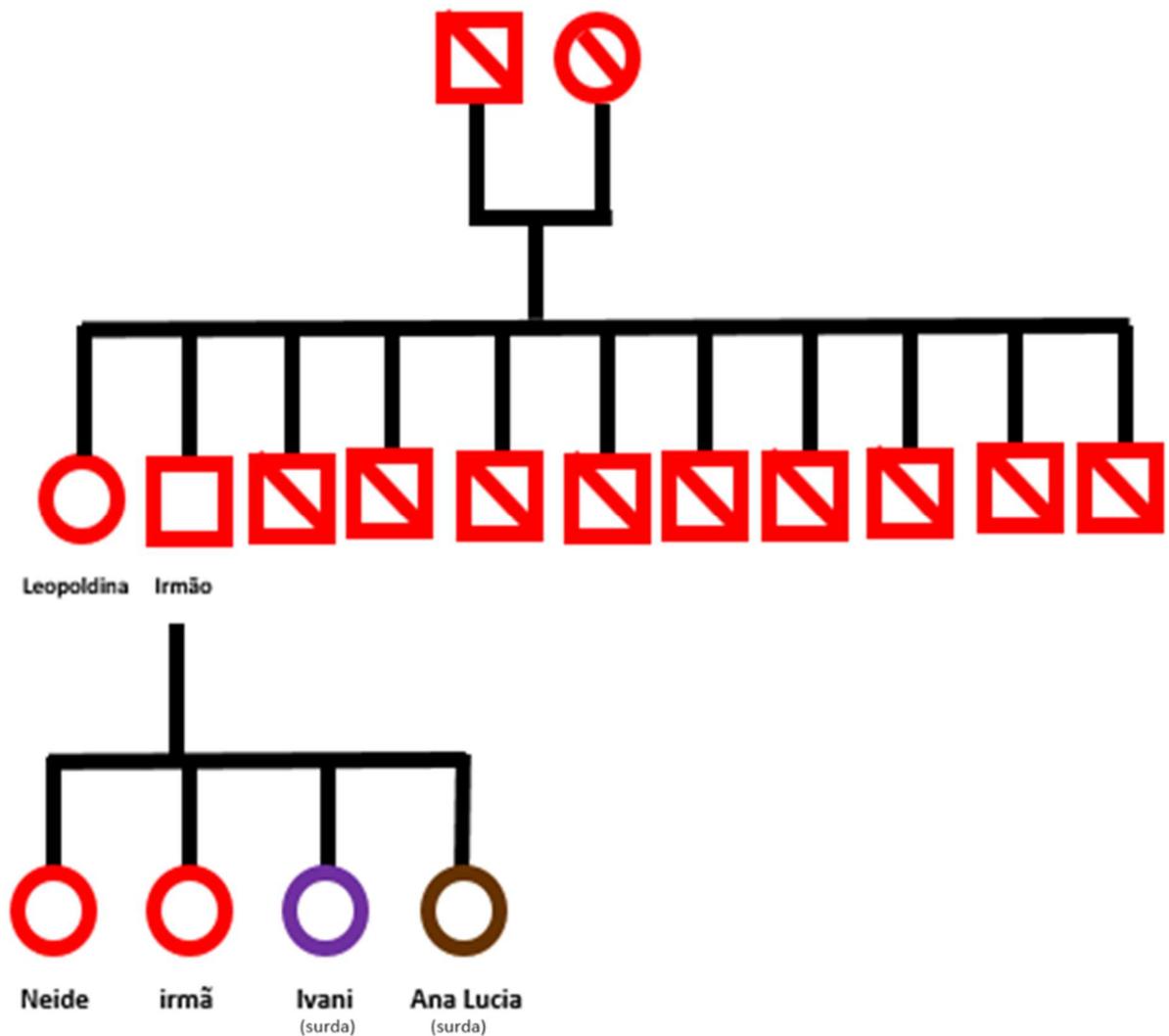
Figura 4: Família de Jair



	Quadrado: Homem
	Círculo: Mulher
	Quadrado com um traço: Homem já falecido
	Círculo com um traço: Mulher já falecida

	Roxo: Surdo residente em Uberlândia, sinalizante da Libras e LST
	Azul: Surdo residente em Brasília, sinalizante apenas da LST
	Verde: Surdo residente em Tiros, sinalizante apenas da LST
	Amarelo: Ouvinte residente em Uberlândia, sinalizante apenas da LST
	Vermelho: Ouvinte residente em Tiros, sinalizante apenas da LST

Figura 5: Família de Leopoldina (esposo de Jair)



	Vermelho: Ouvinte residente em Tiros, sinalizante apenas da LST
	Roxo: Surdo residente em Uberlândia, sinalizante da Libras e LST

	Marrom: Surdo residente em Tiros, sinalizante da LST e Libras
---	---

Há três gerações os bisavôs de Leopoldina deram início a novas famílias. Uma delas se refere à família de Leopoldina e a família de Jair, ambos se casaram sendo primos de 3º grau.

Leopoldina tinha nove irmãos, sendo que um deles, Aprigio, se casou e teve quatro filhos, dois ouvintes e duas filhas surdas. Essas duas filhas sempre tiveram contato com ambas as famílias, família de Jair e a família de Leopoldina, sempre se encontrando quando podem, já que estão sempre ocupados com os afazeres da fazenda, apesar de sua forma de comunicação sofrer variações entre famílias.

O núcleo familiar de Lenir tem, em sua maioria, três gerações que usam LST. Parentes próximos, incluindo primos ouvintes, sabem se comunicar com os surdos mais próximos, como tios, primos e vizinhos. Aqueles que vivem ou convivem mais de perto com os surdos sabem LST com maior proficiência.

Precisávamos saber como a Língua de Sinais Tiros começou a ser criada, há quanto tempo começou a ser usada na cidade e por quantas gerações é usada em ambiente familiar. Em algumas famílias, há casamentos consanguíneos, porque a cidade de Tiros tem uma população pequena, de pequeno porte. Sendo assim, em algumas famílias nasceram surdos e ouvintes. À medida que a cidade cresceu e alguns familiares também se mudaram para Uberlândia, os casamentos consanguíneos diminuíram. Como consequência, até o momento, não há registros de nascimento de surdos, sendo a última surda nascida na família de Lenir, que tem 40 anos.

Existem três gerações que ainda utilizam a LST, mantendo viva essa língua até o momento. A primeira geração é composta por Jair, pai de Maria de Fátima e Lenir, que tinha 11 irmãos, sendo dois surdos (um deles falecido) e 9 ouvintes. Ziva, a única irmã surda viva de Jair, tem 3 filhas ouvintes que também sinalizantes da LST e atualmente residem em Brasília.

A segunda geração da família inclui os sobrinhos de Ziva: Maria de Fátima, Vanilda, José, Lenir, todos surdos, além de cinco ouvintes fluentes em LST.

Os filhos de Maria de Fátima compõem a terceira geração da família, pois também são sinalizantes da LST, ainda que sejam ouvintes.

Notei também a presença de uma quarta geração, composta pelos netos ouvintes de Maria de Fátima, pois sabem o básico da LST, conforme registrei em vídeo. Essa nova geração sinaliza o início de uma possível ampliação da população que utiliza a Língua de Sinais Tiros, algo que futuras pesquisas poderão confirmar. Voltando a terceira geração da família, Lenir tem 3 filhas, sendo que a mais velha se comunica com seus tios surdos José e Maria de Fátima, além

de se comunicar em LST com outras pessoas. O uso da LST permanece até hoje, e a presença da quarta geração, que começa a interagir, reforça a continuidade da língua.

Portanto, são quatro gerações, sendo que a primeira e a segunda geração têm a presença de surdos e ouvintes sinalizantes e a terceira e quarta geração contam com ouvintes sinalizantes.

É preciso destacar que apesar de a LST ter um número maior de usuários ouvintes do que surdos, é a presença dos surdos que pode garantir a continuidade dessa língua. Desse modo, o fato de as famílias não registrarem o nascimento de pessoas surdas há duas gerações coloca essa língua em risco de extinção, justificando ainda mais sua documentação e descrição.

2.2 SINALIZANTES MAIS PROFICIENTES EM LST

A partir de agora apresentamos a história de vida dos 4 representantes escolhidos como principais da família e narramos suas histórias abaixo.

2.2.1 Perfil de Maria de Fátima

Maria de Fátima reside na cidade de Tiros (MG) até hoje e seu meio de comunicação durante todo esse tempo foi mais a LST do que a Libras.

Maria de Fátima cresceu na fazenda onde trabalhava com seus pais em tarefas de ordenhagem, cuidados com os animais e na plantação de frutas e verduras. Lá também cuidava de seus três irmãos mais novos. Quando sua irmã Lenir nasceu, sua mãe, Leopoldina, não queria mais filhos por conta da sua necessidade em trabalhar, então Maria de Fátima e sua irmã Vanilda, acolheram a criança e cuidaram dela.

Seu primeiro trabalho fora da fazenda de seus pais foi na plantação e colheita de café com o objetivo de juntar dinheiro para suas necessidades pessoais.

Após um tempo, se casou com seu primeiro marido, João, com o qual se mudou para a cidade de Tiros e com quem teve três filhos. Com o tempo, devido à necessidade de trabalho, se mudaram para a cidade de Uberaba e anos depois voltaram para a cidade de Tiros, onde João faleceu.

Maria de Fátima, após um período, se relacionou com Orlando, usuário de aparelho auditivo, oralizado, se denominando Deficiente Auditivo. Quando conheceu Maria de Fátima ainda não era sinalizante, porém, após um ano foi adquirindo a LST por conta de seu contato com Maria de Fátima.

Orlando tinha uma relação de amizade muito forte com Belchior com quem passeava, frequentava bares, praças, partidas de futebol e afins, tendo assim, maior contato com a LST.

Maria de Fátima começou a trabalhar enquanto funcionária do lar em diferentes casas, mas após um tempo, sentiu a necessidade de se afastar pois necessitava cuidar de seus três filhos.

Atualmente, Maria de Fátima cuida de seus netos, já que seus filhos, já crescidos, estão casados. Sua filha Flávia, tem dois filhos. Silvani, tem dois filhos e seu terceiro filho, Fábio, tem apenas um filho.

Hoje, Maria de Fátima reside em sua própria fazenda, cuidando dos animais, da plantação e vendendo queijo. De tempos em tempos se desloca para a cidade de Tiros para auxiliar nos cuidados com seus netos.

2.2.2 Perfil de Lenir

Lenir é a personagem principal de nossa pesquisa, sendo o nosso braço direito. Foi cuidada durante sua infância por Maria de Fátima e Vanilda. Inicialmente suas irmãs não sabiam se Lenir era surda ou ouvinte devido à falta de presença médica na cidade na época. A descoberta se deu por conta das observações de Maria de Fátima e Vanilda perceberam que a Lenir não desenvolvia a fala com o passar do tempo. Foi uma grata surpresa quando suas irmãs mais velhas descobriram que Lenir era surda, logo se comunicam através da LST.

Lenir cresceu trabalhando na fazenda ajudando seus pais. Com nove anos de idade se mudou para Uberlândia, onde frequentou a primeira escola especial para surdos “AFADA”. Após um tempo, ingressou na escola municipal de Uberlândia até o 6º ano, mas logo parou os estudos.

Durante anos, ela trabalhou como funcionária do lar (CLT) em várias casas por anos, mas acabou parando. Hoje é dona de seu próprio negócio e trabalha com a venda de bolos, queijos, pães, doces, tortas doces, tortas salgadas e afins.

Ela encontrou o Bruno que morava em Uberlândia, namoraram por muitos anos e se casaram. Hoje eles têm 3 filhas lindas e inteligentes. Quando começamos a pesquisar sobre os sinais de Tiros, Bruno ficou interessado e começou aprender. A filha mais velha da Lenir sabe o básico da língua de sinais Tiros, já Bruno usa mais a Libras, mas aprendeu e consegue se comunicar com os sinais de Tiros.

Durante seu crescimento, teve algumas passagens no hospital, levada por Ivani (ouvinte) que a acompanhava e traduzia as conversas médicas, além de a acompanhar em agências bancárias para resolver suas dúvidas. Lenir não conta com a ajuda de seus pais até hoje.

É importante enfatizar que sempre quando há dois ouvintes em qualquer lugar da fazenda e se aproxima uma pessoa surda, instantaneamente os ouvintes passam a conversar em LST. Dessa forma, não existe exclusão na família, mas sim, uma inclusão efetiva.

2.2.3 Perfil de Ivani (surda)

Ana Lúcia (surda) e Ivani (surda) são primas de Lenir e Maria de Fátima. O pai delas é irmão de Leopoldina, a mãe da Maria de Fátima. Como são vizinhas, se encontram semanalmente e convivem, porém alguns sinais da LST são diferentes em cada família.

Elas aprenderam os sinais de Tiros com a família da Maria de Fátima, em seguida os pais de Ivani (surda) também aprenderam os sinais de Tiros e tem os seus meios-irmãos por parte de pai e vários primos que também sabem os sinais.

Na fazenda, elas realizavam diferentes trabalhos como: plantação, colheita, produção de variados tipos de queijos, doce de amendoim típico da fazenda e afins.

Fomos visitar a casa de Cida, Lourdes e Neide, que também sabem Língua de Sinais Tiros adquirida de forma natural, inclusive com as expressões faciais. Não há dificuldade de comunicação entre eles. Ivani (surda) teve um filho e se mudou para Uberlândia, casando-se com José (surdo). Ainda hoje moram lá. Por um período, Ivani (surda) trabalhou como funcionária do lar, porém precisou se afastar para ajudar José a cuidar da fazenda.

O filho dele, Matheus, mora com a mãe e sabe Língua de Sinais Tiros. Não quer voltar para Tiros, quer continuar morando em Uberlândia.

José administrava a fazenda sozinho, mas Matheus ao observar os rendimentos da fazenda que poderiam ser melhores, decidiu auxiliá-lo na administração e na venda dos produtos. Assim, a fazenda passou a ter uma produção ainda melhor. A formação de Matheus é 2º grau completo. Ele tem interesse em fazer faculdade, mas ainda não escolheu o curso.

Ivani (surda) passou a aprender a Língua de Sinais devido ao contato com seu amigo José, pois esse sempre a visitava. Dessa forma, Ivani (surda) consegue utilizar as duas línguas; Libras e LST, sabendo as separar ambas as línguas.

Quando estivemos na casa da Lurdes notamos que Ivani (surda), Lurdes e Ana Lúcia (surda) tem uma afinidade muito forte e se comunicam de forma natural e espontânea. As três

ficaram um ano sem se encontrar, mas com essa reaproximação pudemos ver situações em que essa aproximação e afinidade são muito fortes.

Maria Aparecida, irmã de Lurdes, se comunica de forma fluente em LST junto de seus familiares. Percebemos que existe um respeito muito grande dos familiares ouvintes em relação aos familiares surdos, além de se comunicarem também em LST. A família sempre teve muito respeito com a Ana Lúcia (surda) e Ivani (surda) por serem surdas.

2.2.4 Perfil de Lurdinha

É ouvinte, melhor sinalizante em LST, a mais fluente. Não é possível identificar se ela é surda ou ouvinte no primeiro contato, pois ela não faz uso de *mouthing* do português como é costume dos ouvintes sinalizantes, tampouco sabe Libras e o pesquisador precisou de ajuda da intérprete para se comunicar com ela. A sinalização dela é em LST pura. Ela é quem mais se preocupa em repassar informações como, por exemplo, se aconteceu um divórcio, uma venda ou mudança de casa, o falecimento de alguém, se aconteceu algum problema na cidade, informação sobre os cuidados sobre a COVID-19 no período da pandemia, etc., aos familiares surdos. Auxilia na resolução de problemas, atualiza das notícias da região, inclusive para os familiares que moram fora por meio de chamada de vídeo, assim os surdos não ficam alheios. Esse esforço se mantém até os dias de hoje. É uma pessoa admirável, muito empática com os surdos. Até hoje se mantém em contato com a irmã Ziva que reside em Brasília através de chamada de vídeo. Ela quem é a mais respeitosa com os surdos, mais atenciosa e tem escuta atenta priorizando os surdos para depois dar atenção aos ouvintes.

Percebemos que tanto a família de Ivani (surda) quanto a Família de Lenir possuem uma forma de comunicação muito natural e espontânea, não demonstram dificuldade em se expressar sem que haja a necessidade de adaptar o discurso para uma outra pessoa com dificuldade na compreensão. Também os familiares ouvintes se comunicam dessa forma.

Os quatro irmãos, Maria de Fatima, Vanilda, José e Lenir, são exemplos de como é importante a aquisição da língua desde tenra idade. A fase dos 0 aos 6 anos é extremamente importante para o desenvolvimento ao longo da vida. Dessa forma, a teoria de Quadros (2017) nos comprova da importância da aquisição de uma língua.

Pudemos perceber que Maria de Fátima, Vanilda, José e Lenir possivelmente tem essa fluência espontânea na LST por conta da presença e contato com seus tios surdos que já faziam uso da LST durante a infância.

A LST propiciou aos irmãos surdos um desenvolvimento efetivo, por exemplo, Maria de Fátima é uma mulher independente, tem a sua fazenda e casa própria, realiza trabalhos de forma autônoma.

Vanilda, também é uma mulher independente, tem sua casa própria e sua própria empresa de confecção de roupas para diferentes ocasiões e cerimônias tendo muito sucesso em seu trabalho.

José também é independente. Tem a sua própria fazenda a qual com os anos foi expandindo seus hectares. Em sua fazenda, José cria animais além de ter feito um salão de festas estruturado com área *gourmet* com churrasqueira e piscina para receber eventos diversos.

Lenir, a última irmã, tem seu próprio negócio de pães, rosas, tortas, bolos e queijos diversos sendo muito famosa em Uberlândia por seus produtos diferenciados sendo que seus clientes não são apenas surdos, mas também ouvintes da cidade e da região.

2.3. CONTEXTO SOCIAL E GEOGRÁFICO DA LST

Tiros é uma pacata cidade no estado de Minas Gerais em uma região pacífica e gostosa de viver. Segundo o censo do IBGE do ano de 2022 tem aproximadamente 7.883 habitantes com uma área total de aproximadamente 2093 km². Em comparação com o censo do ano de 2010, a população cresceu 14%. A cidade possui creches, escolas públicas, particulares e rurais. Possui também cooperativa, 3 bancos, rodoviária e hospitais.

A economia da cidade se baseia na agropecuária e venda de laticínios e queijos, pertencente a região econômica de Alto Paranaíba, composta pelas cidades de Arapuã, Carmo de Paranaíba e Patos de Minas, importantes na produção dos produtos desse segmento.

Sobre a área da saúde na cidade de Tiros, há poucos médicos especialistas na cidade, o que faz com que as pessoas procurem a cidade de Patos de Minas a 130 km de distância para atendimentos especializados, exames específicos ou atendimentos de emergência.

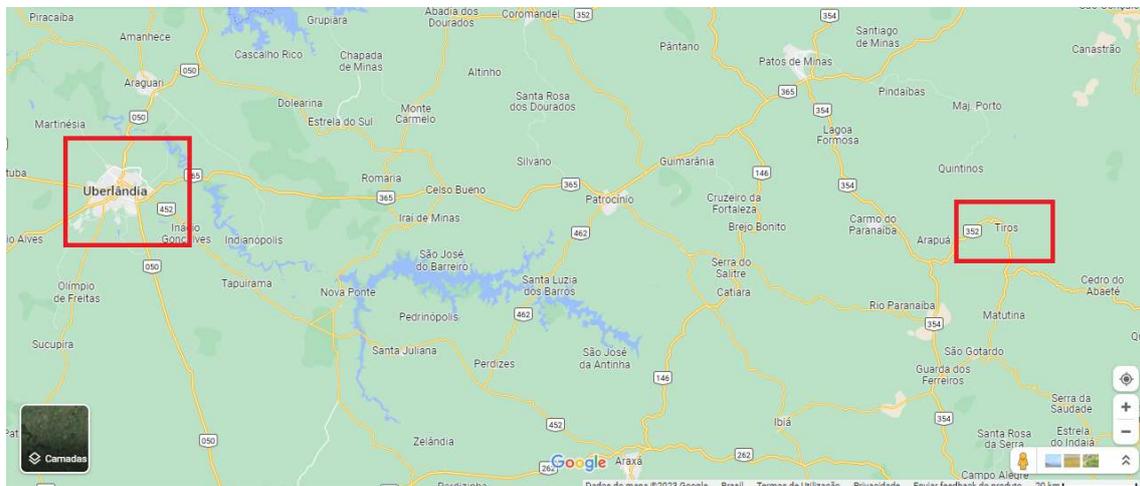
A cidade de Tiros tem fácil acesso para diferentes cidades como Belo Horizonte, Patos de Minas, Uberlândia por meio de rodovia. A cidade possui sistema de saneamento básico, coleta de lixo, água encanada e potável sendo uma cidade bem limpa e cuidada. Além disso, a cidade conta com espaço para a famosa festa Expo Tiros com diversos shows. A cidade também realiza eventos religiosos. A cidade tem uma grande igreja católica a qual reúne a população na praça em frente à igreja.

Figura 6: Visão aérea da cidade de Tiros



Fonte: www.tiros.mg.gov.br

Figura 7: Uberlândia x Tiros (311km de distância)



Fonte: Google maps

Figura 8: Localização do mapa



Fonte: elaboração própria

- Casa de Maria de Fátima (fazenda)
- Casa de Silvana e Flávia
- Casa de Pais de Ivani (surda) e Ana Lúcia (surda)
- Casa de Fabio
- Casa de Maria de Fatima
- Casa de Ana Lúcia (surda)

Maria de Fátima possui duas casas, uma na fazenda e outra na cidade. Quando seu marido está trabalhando na cidade, ela costuma ir para lá fazer o almoço em alguns dias, mas a maior parte do tempo fica na fazenda. Maria de Fátima tem vizinhos ao lado, o filho deles, Fábio, e atrás, Silvana e Flávia. Os três filhos de Maria de Fátima costumam se encontrar quase todos os dias, por isso eles se comunicam na Língua de Sinais Tiros. Apenas dois membros são surdos: Maria de Fátima e seu marido, assim como Ana Lúcia (surda) e seu marido. Eles se encontram para conversar ocasionalmente, cerca de uma vez por semana.

3 LÍNGUAS DE SINAIS EMERGENTES

Esta tese tem como objeto de estudo a língua de sinais utilizada na comunidade de Tiros. Esta pesquisa também se relaciona com outras pesquisas conhecidas pelo registro das línguas de sinais brasileiras, como a língua de sinais Caiçara, em Várzea Alegre – CE, e a Cena, usada na comunidade de Várzea Queimada/Jaicós-PI, já descritas em trabalhos anteriores.

Assim como afirma Ramos (2004), as línguas de sinais estiveram por muito tempo (senão até hoje em muitas esferas) associadas a uma expressão primitiva de comunicação:

O homem em seu estado primitivo estaria associado a dêixis, aos gritos e aos gestos. Essa visão, compartilhada durante muito tempo pela comunidade científica trouxe, e traz ainda, uma boa dose de rejeição às Línguas de Sinais das comunidades surdas, associando-as à gestualidade primitiva e, portanto, à inferioridade (Ramos, 2004, p. 68).

Embora a Libras, por exemplo, no Brasil, tenha o seu estatuto de língua reconhecida pela lei 10.436/2002, a visão estereotipa que recai sobre as línguas de sinais de um modo geral persiste, principalmente sustentada por uma visão capacitista.

Apesar de toda violência e perseguição que o povo surdo sofreu e infelizmente ainda sofre na sua história, as línguas de sinais persistem e são largamente usadas pelas pessoas surdas onde quer que estejam. No Brasil, por exemplo, são identificadas, além da Libras, que é a língua de sinais institucionalizada, várias línguas de sinais de microcomunidade, também chamadas de línguas de sinais emergentes.

Na tese de Silva (2021), a pesquisa explora outros autores que discutem sobre os tipos de comunidades surdas e a Língua de sinais. A autora identificou apenas cinco tipos de comunidades surdas, porém é possível que, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, surjam novas categorias a serem consideradas.

Quadro 01: Tipo de comunidades surdas

Tipo	Autores	Local da Pesquisa
Indígenas	Kakamasu (1968) e Ferreira-Brito (1984)	Aldeia Urubu-kaapor (Brasil)
Centros Urbanos	Ferreira - Brito (1984)	Grandes Centros urbanos do Brasil
Ilhas	Martinod (2013); Formigosa (2015) e Fusilier (2016)	Ilha do Marajó (Pará – Brasil)
Vilas	Groce (1985)	Martha's Vyneyard (USA)
Zona Rural	Pereira (2013)	Cena (Piauí-Brasil)

Fonte: Silva (em elaboração).

No Quadro 02 que veremos a seguir, há estudos que versam sobre pelo menos 12 (doze) línguas de sinais utilizadas por comunidades surdas no Brasil. Todavia tais estudos são bastante iniciais necessitando ainda de pesquisas que nos levem a conhecer a descrição linguística das referidas línguas para assim registrá-las e documentá-las como Patrimônio Imaterial da Cultura Surda Brasileira anteriormente já anunciado por Rosa (2010).

Quadro 02: Língua de Sinais do Brasil

Classificação da língua de sinais segundo (Quadros & Leite, 2013)	Classificação da comunidade surda segundo (Quadros & Silva, 2017)	Autor (ano)	Nome da Língua de Sinais	Localização
Língua de Sinais Nacionais	Centros Urbanos	Ferreira - Brito (1984)	Libras	Todo o território brasileiro.
		Kakamasu (1968) e Ferreira-Brito (1984)	Língua de Sinais Urubu-Kaapor	Índios Urubu – Kaapor (Maranhão – Brasil)

Lingua de Sinais Original	Aldeias	Azevedo (2015)	Lingua de Sinais Sateré-Waré	Índios Sateré – Ware (Parintís – Manaus)
		Giroletti (2008)	Lingua de Sinais Kaingang	Índios Kaingang (Xanxerê – Santa Catarina – Brasil)
		Vilhalva (2012) e Sumaio (2014)	Lingua de Sinais Terena	Índios Terena (Mato Grosso do Sul – Brasil)
		Coelho (2011) Vilhalva (2012) Lima (2013)	Lingua de Sinais Guarani - Kaiowá	Índios Guarani-Kaiowá (Mato Grosso do Sul)
		Damasceno (2017)	Lingua de Sinais Pataxó	Índios Pataxó (Aldeia Coroa Vermelha – Bahia)
				Pereira (2013)

Lingua de Sinais Nativa	Comunidades Isoladas	Cerqueira Teixeira (2016)	Acenos	Cruzeiro do Sul (Acre – Brasil)
		Charlize, Formigosa & Cruz (2016)	Lingua de Sinais Fortalezinha (PA)	Pará - Brasil
		Martinod (2013) Formigosa (2015) Fusilier (2016)	Lingua de Sinais de Ilha do Marajó	Ilha do Marajó (Ilha de Souré – Pará – Brasil)
		Carliez, Formigosa & Cruz (2016)	Lingua de Sinais de Porto de Galinhas (PE)	Porto de Galinhas (PE – Brasil)
		Temoteo (2008)	Lingua de Sinais de Caiçara	Sítio Caiçara – Varzea Alegre – Ceará – Brasil

Silva (2021, p. 75), em sua tese, explica sobre aprofundamento das Línguas emergentes, veja o abaixo:

Antes de nos aprofundarmos sobre esse novo termo Línguas de sinais Emergentes, precisamos estabelecer o conceito de línguas emergentes. Neste contexto de grupos que falam uma determinada língua, ou grupos que estão isolados de centros urbanos, ou ainda grupos menores que vivem em aldeias e que, por alguma condição fisiológica, no caso a surdez, acabam criando e utilizando uma forma visuo-espacial de comunicação.

Almeida-Silva e Nevins (2020) demonstraram que a língua de sinais emergente ocorre em comunidades surdas isoladas no Brasil e no mundo quando há um sistema de comunicação semelhante a uma língua de sinais emergente.

O primeiro registro de Língua de Sinais Emergente (LSE) no Brasil foi a Língua de Sinais utilizada pelo povo indígena Urubu-Ka'apor. Veja o trecho abaixo:

Primeiros registros língua de sinais emergentes do Brasil foi a língua de sinais Urubu-Ka'apor utilizada pelo povo indígena Kaápor pela região do Alto Turiaçu do estado do Maranhão, no Brasil. Noticiada pela primeira vez em 1966, em um workshop do *Summer Institute of Linguistics*, por Jim Kakumasu, missionário e linguista, que viveu entre os Ka'apor (GODOY, 2020). Em 1982, a linguista Lucinda Ferreira passou pelos Ka'apor para estudar a língua de sinais. Kakumasu (1968) havia chamado os sinais ka'apor de “*Urubu Kaapor Sign Language*”. Ferreira (1984) inicialmente adotou o nome, mas, em seguida, designou-a de “Língua dos Sinais Kaapor Brasileira” (FERREIRA, 2010, p. 258).

Cerqueira e Teixeira (2016) analisam na cidade de Cruzeiro do Sul, no Acre, os sinais utilizados pelos surdos – oficiais ou caseiros – são comumente chamados de *acenos*, termo empregado pelos ouvintes justamente por denotar gestos feitos com a mão, sem que haja organização ou sistematicidade.

Almeida-Silva e Nevins (2020) estiveram envolvidos na coleta de sinais da CENA, que resultou na primeira publicação da Tese de Pereira (2013). Eles realizaram uma comparação entre diferentes Língua de Sinais Brasileira e a “língua dos mudos”, analisando vários sinais da Cena e gravando conversações em três locais diferentes na Várzea Queimada.

No Quadro abaixo mostrar várias línguas de sinais emergentes no Brasil e no Mundo.

Quadro 03: Língua de Sinais Emergentes
(Elaborado por Almeida-Silva; Nevins, 2020)

Língua de sinais emergentes	Localidade	Referencias	
LS Adamorobe	Gana	David et al. 1971; Nyst 2007a,b, 2008	De Vos e Pfau (2015)
LS Al-Sayid Beduína	Israel	Aronoff et al. 2005, 2008; Kisch 2008, 2012; Sandler et al. 2005, 2011	

LS de Judeus Algerianos	Originalmente Algeria, agora França e Israel	Lanesman & Meir 2012	
LS Alipur	India	Panda 2012, Zeshan et al. 2013	
LS Ban Khor	Tailandia	Woodward 2003; Nonaka 2004, 2009, 2011, 2012	
LS Maia Yucatec	Mexico	Shuman 1980, Johnson 1991, Fox Tree 2009, Escobedo Delgado 2012, Le Guen 2012, Zeshan et al. 2013	
LS Kata Kolok	Bali e Indonésia	Branson et al. 1996, 1999; Marsaja 2008; Perniss & Zeshan 2008; de Vos 2011, 2012a, b	
LS Koinchri Sain	Jamaica	Dolman 1986, Adone et al. 2012	
LS Inuit	Nunavut, Canadá	MacDougall 2001; Schuit et al. 2011; Schuit 2012, 2013	
Ls Mardin	Turquia	Dikyuva 2012, Zeshan et al. 2013	
LS de Martha's Vineyard	Nordeste dos Estados Unidos	Groce 1985	
LS das Ilhas de Providência	Colômbia	Washabaugh et al. 1978; Washabaugh 1979, 1980, 1986; Woodward 1978, 1982	
LS K'aapor	Brasil	Kakumasu 1968, Brito 1983; Godoy (2020)	
LS de Sateré-Waré	Parintins – Manaus – Brasil	Azevedo (2015)	Silva & Quadros

LS Kaingang	Xanxerê – Santa Catarina - Brasil	Giroletti (2008)	(2019)
LS Terena	Mato Grosso do Sul, Brasil	Vilhalva, 2012; Sumaio, 2014	
LS Guarani Kaiowá	Mato Grosso do Sul, Brasil	Coelho, 2011; Vilhalva, 2012; Lima, 2013	
LS Pataxó	Aldeia Coroa Vermelha – Bahia, Brasil	Damasceno, 2017	
Cena	Várzea Queimada – Piauí, Brasil	Pereira, 2013	
Acenos	Cruzeiro do Sul – Acre, Brasil	Cerqueira e Teixeira, 2016	
LS da Fortalezinha	Pará – Brasil	Charlize, Formigosa e Cruz, 2016	
LS da Ilha de Marajó	Ilha de Marajó (Ilha de Soure) – Pará, Brasil	Martinod, 2013; Formigosa, 2015; Fusilier, 2016	
LS de Porto de Galinhas	Porto de Galinhas – Pernambuco, Brasil	Charlize, Formigosa e Cruz, 2016	
LS de Caiçara	Sítio Caiçara – Várzea Alegre – Ceará, Brasil	Temoteo, 2008	
LS de San Juan Quiahije Chatino	México	Hou, 2018	Le Guen (2019)
Sinais de Zinacatan	Chiapas – Mexico	Haviland, 2011, 2013a, 2013b, 2015, 2016	
Sinais de Nebaj	Guatemala	Le Guen, 2019	
LS K'iche de Nualá	Guatemala	Fox Tree, 2009	

LS das Ilhas da Baía	French Harbour/Jonesville - Honduras	Le Guen, 2019	
LS Brunca	Costa Rica	Woodward, 1991	
LS Bribri	Costa Rica	Woodward, 1991	
LS Central Taurus	Cadeias montanhosas no centro-sul da Turquia	Ergin, 2017; Ergin <i>et al.</i> , 2018	
Sinais Maxakalí	Minas Gerais	Stoianov e Nevins, 2017	
LS de São Tomé e Príncipe	São Tomé e Príncipe	Mineiro e Carmo, 2016	Almeida - Silva & Nevins (2020)
LS do único surdo da Ilha Rennel (compartilhada com os falantes ouvintes)	Ilha de Rennel – Ilhas Salomão, Polinésia	Kuschel, 1973	
Sinais dos surdos das ilhas Amami	Ilhas Amami - Japão	Osugi, Supalla e Webb, 1999	

Destacamos a pesquisa de Pereira (2013) encontrou aproximadamente 36 surdos na Várzea Queimada que utilizavam a língua de sinais CENA.

Pereira (2013) apresentou um estudo antropológico sobre uma língua de sinais utilizada por aproximadamente 36 surdos na comunidade de Várzea Queimada, zona rural de Jaicós interior do Piauí. Esta língua de sinais foi denominada de Cena, sendo utilizada na referida comunidade tanto por pessoas surdas quanto ouvintes.

Pereira (2013) registrou sinais da língua dos mudos em contextos religiosos; entre parênteses, foram identificados 273 sinais no léxico funcional.

Pereira (2013) registrou uma média de 85 sinais da língua, considerando um vocabulário dedicado a termos religiosos, sinais de atividades laborais e sinais de parentesco. Em nossa primeira visita em 2017 foram coletados 273 sinais que abrangiam desde palavras lexicais relacionados às atividades diárias, mas também um léxico funcional que incluía formas verbais, advérbios e adjetivos.

A Cena não possui sinais para os termos que designam cores básicas na língua, mas há um vocabulário robusto na Cena relacionado a animais, comida, festas religiosas e santos, sujeitos a variação nos sinais de acordo com famioletos ou ainda a geração a que pertencem os sinalizantes, por exemplo, os sinais de PEIXE e GALINHA (Figura 9) (Almeida-Silva; Nevins, 2020, p.17).

Figura 9: PEIXE e GALINHA na CENA



Elaborado por Almeida-Silva; Nevins, 2020

No nível morfológico, a Cena exhibe compostos que não possuem nenhum paralelo com compostos encontrados em Libras (Xavier & Neves, 2016).

Destacamos igualmente a pesquisa de Lebedeff e Rosa (2023) sobre a língua de sinais de Jacaré dos Homens. A história da cidade Jacaré dos Homens tem semelhança com a história da cidade de Tiros. A língua de sinais começou com os dois irmãos surdos e posteriormente começou a se difundir conforme a família foi crescendo e nascendo mais pessoas surdas. É importante o registro da língua de sinais e da história de Tiros, assim como temos um curto registro histórico da língua de Jacaré dos Homens.

Segundo Lebedeff e Rosa (2013) estão contando sobre Jacaré dos Homens.

a história da língua de sinais de Jacaré dos Homens pode ser contada com base nas memórias de duas crianças que cresceram nessas condições, de alijamento da comunidade e da cultura surda e, conseqüentemente, da língua de sinais brasileira. As duas crianças nasceram no interior rural do Estado de Alagoas (em 1966 a irmã e, em 1978, o irmão), na cidade de Jacaré dos Homens que, segundo o censo de 2010, possuía apenas 5.413 habitantes. As crianças desenvolveram entre si e para seus familiares e amigos um sistema de sinais caseiros muito rico, utilizado por toda a família e pela comunidade a qual pertenciam. Os irmãos ouvintes e os pais utilizam até hoje este sistema, sendo necessária a tradução do sistema de sinais caseiro para a Libras quando aparece alguma visita surda que o desconhece.

Segundo Devos e Pfau (2015), as crianças surdas primeiramente aprendem a língua de sinais caseira (em casa). É importante que esse aprendizado se dê o mais cedo possível a fim de desenvolver a comunicação. Concordamos com os citados autores por constatar a mesma realidade em Tiros. Os sinalizantes têm o mesmo nível de desenvolvimento da língua de sinais, não sendo perceptível qualquer diferença de nível de fluência entre eles. Os sinalizantes estão no mesmo nível de comunicação espontânea, pois naquela comunidade os seus integrantes adquiriram a língua desde cedo devido a um tio surdo que lhes ensinou a língua e a partir daí todos os demais surdos que nasceram aprenderam-na com este familiar e seguiram sinalizando-a ao longo da vida sem qualquer barreira de comunicação ou dificuldade de entendimento entre eles, inclusive com os familiares ouvintes, pois estes também adquiriram a língua de sinais em idade precoce e se desenvolveram igualmente. Por isso é tão importante a aquisição linguística em idade mais precoce possível.

3.1 Sobre a origem das línguas de sinais emergentes

As línguas de sinais são línguas naturais usadas por pessoas surdas. Uma vez que dessas pessoas nasce em famílias compostas por pais ouvintes não sinalizantes, a comunicação entre as crianças surdas e seus pais e/ou cuidadoras/cuidadores se dá por meio do que já foi chamado na literatura por “sinais caseiros” (GOLDIN-MEADOW, 2012), o que ajuda muito no desenvolvimento da linguagem e, posteriormente, facilita o aprendizado da língua de sinais institucionalizada, caso a criança tenha contato com a comunidade surda:

Esses sinais podem ser icônicos ou não, isto vai depender do ambiente em que a família está inserida, isto é, da representação viso-manual de suas experiências. Por exemplo, se forem pescadores, os sinais caseiros que emergem podem ser relacionados aos frutos do mar, areia, barraca e outros; numa família da zona rural, eles podem ser relacionados a boi, vaca, leite e assim por diante. Isto também acontece com familiares de surdos que moram na zona urbana, cujo filho e/ou os pais não tiveram contato com a comunidade surda utente da língua de sinais oficial. Esses sinais não são repassados de geração a geração, eles surgem motivados pela necessidade comunicativa existente entre os membros da família, são compartilhados por um número restrito de pessoas (mais especificamente, membros de uma mesma família) e não são convencionados na comunidade surda de um modo geral. (Adriano, 2010, p. 34).

Da mesma forma, observa-se o mesmo fenômeno na cidade de Tiros, onde percebe-se a criação de sinais relacionados à negociação de valores monetários da fazenda e relacionados aos animais como, por exemplo, bois, vacas, porcos, entre outros. Neste contexto de

necessidade comunicativa surgem as línguas de sinais emergentes, cuja sistematização pode ser maior ou menor a depender do número de pessoas surdas e diferentes gerações envolvidas.

Klima e Bellugi (1979), os primeiros pesquisadores a explorar a iconicidade nas línguas de sinais, analisaram detalhadamente a presença de vários elementos arbitrários nas línguas de sinais.

A iconicidade tem um papel fundamental na inovação realizada pela criança surda com o sistema caseiro de sinais e podem evoluir independentemente até chegar a sinais que compartilham o mesmo ícone para representar o mesmo conceito nas LS (Klima; Bellugi, 1979).

Fusellier-Souza (2004) aborda as línguas de sinais emergentes (LSE) e sua relevância principalmente por se constituírem em comunidades pequenas e minoritárias como as comunidades rurais em que há um pequeno grupo de surdos dentre esta comunidade minoritária de ouvintes. A pesquisa também revelou que as línguas emergentes têm diversos aspectos das línguas naturais, como estrutura, comunicação entre outros, não falta nenhum elemento que não as caracterize como língua. É possível que em diversas localidades haja pequenos grupos criando LSE que podem se ampliar com o tempo e amplia, portanto, a oportunidade de registros e pesquisas destas línguas assim como ocorreu em Tiros. Por anos não houve interesse em pesquisar a língua de sinais desta localidade até que identificamos como uma língua emergente e a partir disso a necessidade de seu registro e pesquisa. O mesmo pode ocorrer em outras localidades.

Paden (2010) diz que quando uma LSE permanece por mais de 2 ou 3 gerações de falantes/sinalizantes é relevante pesquisá-la, pois já há evidências suficientes de que é uma língua perene no tempo. Em Tiros há 3 gerações de sinalizantes e este foi o fato que nos levou a investigá-la, devido sua permanência no tempo.

Na cidade de Tiros tem muitos sinais icônicos semelhantes a mímicas e gestos que, com o passar do tempo, se tornaram sinais convencionados transmitidos para três gerações.

Como a maioria das crianças surdas têm pais ouvintes, na ausência de uma língua comum na família, a criança surda fica com dificuldade para acompanhar a maioria das conversas que se realizam no âmbito familiar, se limitando a uma comunicação precária com gestos e mímicas caseiras.

É muito importante que a criança primeiro aprenda a língua de sinais. Em relação a essas considerações com os sujeitos surdos, faz-se necessário primeiramente entender e reconhecer a

importância da aquisição da língua de sinais de forma natural, como primeira língua (L1) das crianças surdas.

O ambiente familiar traz ricas contribuições para a criança surda e o desenvolvimento de sua comunicação. Dessa forma, crianças surdas filhas de pais surdos têm um ambiente propício para o desenvolvimento linguístico de maneira rápida e direta favorecendo a organização do seu pensamento, o que não ocorre com aquelas filhas de pais ouvintes que desconsideram a importância da Língua de Sinais e da utilização do campo visual. Portanto, a presença de um ambiente linguístico favorável evita a existência de comprometimento na sua aprendizagem e nas suas relações sociais.

Apresentamos a seguir vários autores que discutiram sobre criança surda de forma similar e a importância da Língua de Sinais para auxiliar no desenvolvimento do pensamento e cognitivo, para aprender com facilidade a se comunicar com eles.

Coelho (2011) investigou a constituição do sujeito surdo na cultura Guarani Kaiowá e os seus processos de interação e comunicação na família e na escola.

De Vos e Pfau (2015) explicam que crianças surdas filhas de pais ouvintes que não sabem Língua de Sinais tendem a criar um código linguístico denominado de sinais caseiros (*homesigns*), que são geralmente utilizados no seio de uma família, portanto, não é um código compartilhado com outros indivíduos, uma língua.

No próximo capítulo, apresentaremos a metodologia de coleta desses dados.

4 METODOLOGIA

Nas três vezes que visitamos a cidade de Tiros como pesquisadores, permanecemos lá por 5 dias e em outra viagem por mais 5 dias. Acompanhamos a Família de Lenir o dia inteiro e gravamos em todos os lugares e coletamos mais de 300 sinais, incluídos, verbos, cores, dias de semana, família e contação de histórias até receita de bolos. As coletas de dados foram muito importantes com a gravação em vídeos organizados em individual, dupla diálogo e também em trios de irmãs contando a história com pais deles e também com os tios surdos. Quase todas os familiares ouvintes usaram sinais de Tiros para se comunicarem com os surdos. São duas famílias diferentes, mas os sinais são bem parecidos, alguns poucos sinais são diferentes.

A primeira vez que fui à cidade de Tiros conheci primeiro Maria de Fátima e a sua família, que mora lá. Também conheci os pais de Ivani (surda) e Ana Lúcia (surda). Algumas filmagens foram feitas. Na segunda vez em que estive em Tiros estava acompanhado da professora orientadora Dra. Angélica Rodrigues e do professor coorientador Dr. Anderson Almeida. Quando chegamos à fazenda de Maria de Fátima, percebemos que precisaríamos de mais dois dias para nos conhecermos e conversarmos naturalmente, sem filmagem e sem entrevista formal, pois a família estava tímida em sinalizar em frente a câmera. Sendo assim, a partir do terceiro dia até o quinto dia, começamos a filmagem. A coleta de dados se deu após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), órgão responsável por aprovar as entrevistas. Os membros da família deram autorização para participação na coleta de dados por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Como a maioria tem dificuldades em escrever o próprio nome, pois nunca frequentaram a escola, ou seja, não assinam papéis, sempre perguntávamos, antes de cada gravação, se a família consentia em ser filmada. Também consultamos a Família de Ivani (surda) e outras se eles autorizavam frequentar a fazenda ou a residência dos familiares e inclusive consultamos sobre a permissão de fotos e filmagem do vídeo para registro de sinais das imagens deles até mesmo na pizzeria. Os pesquisadores levaram uma pessoa da família na função de Intérprete de Língua de Sinais Tiros e Dra. Angélica Rodrigues e, principalmente, Dr. Anderson Almeida atuaram como Intérpretes de Libras, o que permitiu minha interação com os membros ouvintes da família.

Figura 10: Primeira vez que fui à cidade de Tiros



Figura 11: Discussão sobre metodologia com orientadores



Todos os participantes foram entrevistados em um processo dividido em quatro etapas. Começamos a primeira entrevista com a matriarca da Família de Lenir, a D. Leopoldina, a mãe de Lenir. D. Leopoldina foi escolhida porque é a mais velha, e embora se comunique em LS Tiros com os filhos. Foi necessário o acompanhamento do pesquisador e da filha Lenir, que atuou como intérprete. Em seguida, entrevistamos os filhos, o cunhado e os netos. A primeira etapa foi apresentar-lhes as imagens: números (valores, semana e meses), frutas, animais, sentimentos e famílias. A segunda etapa foi uma roda da conversa em que os participantes

ficaram à vontade conversando sobre valores, animais, frutas e famílias, contar histórias e explicar receita de bolo. Eles puderam falar sobre os assuntos de maior interesse e os sinais diferentes que eles apresentaram foram registrados para a pesquisa. A terceira entrevista foi o diálogo natural em que o pesquisador observou a dinâmica entre os participantes. Com base nesta etapa, aproveitamos para coletar mais dados da pesquisa, por exemplo, morfologia, pronomes, tipos de verbos, classificador de Libras, sinais abstrato ou concreto, sentimentos etc. Na quarta etapa, realizamos os Haifa clips em duplas, compostas por um surdo e um ouvinte. Finalizada as gravações das quatro etapas, foi necessário o auxílio de uma pessoa traduzir o que foi dito e para analisar a ordem das palavras em Língua de Sinais Tiros, transcrevendo tudo para texto.

Realizamos nosso trabalho e a coleta de dados, filmando em quase todas as casas e fazendas. Também aplicamos os Haifa Clips. Agradeço principalmente à Maria de Fátima por aceitar nos receber em sua casa.

O estudo contou com vinte e três participantes: dez surdos e treze ouvintes. Esse grupo pertence à mesma família, e estão na faixa etária de 41 a 88 anos, dezesseis do sexo feminino e sete do sexo masculino. Alguns surdos são sinalizantes de Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a maioria usa Língua de Sinais Tiros. O contexto familiar é plurilíngue e bimodal, em que convivem a Libras, a Língua de Sinais Tiros e o português. Três pessoas surdas, Maria de Fátima, Ana Lúcia (surda) e Ziva, utilizam a LS Tiros como primeira língua e não são proficientes em Libras. Quatro surdos, Lenir, Maria Vanilda, José Maria, Ivani (surda), têm a Língua de Sinais Tiros como primeira língua, mas aprenderam Libras e utilizam os dois sistemas cotidianamente. Duas pessoas surdas, Bruno e Belchior, utilizam a Libras como primeira língua e aprenderam a Língua de Sinais Tiros após se casaram com surdas nascidas na cidade de Tiros. Alguns membros ouvintes da família utilizam majoritariamente o português, mas têm contato frequente com a Língua de Sinais Tiros desde a infância, podendo ser considerados bimodais, mas não são sinalizantes de Libras. Destacamos também o caso de Orlando, surdo oralizado casado com Maria de Fátima, que utiliza a Língua de Sinais Tiros, aprendida tardiamente. Todos os participantes são sujeitos da pesquisa sobre a Língua de Sinais Tiros.

A maioria dos membros da família não sabe Libras. Não é possível se comunicar com os familiares sem saber a LST pois esta é uma língua natural, com muito uso do *mouthing*, não ligados ao português, e expressões faciais que são ligados ao espaço de sinalização. Sem estes elementos não é possível a comunicação. Foi necessário, portanto, uma intérprete de LS para

intermediar a comunicação entre a LST e a Libras. Alguns surdos sinalizantes ao tentarem se comunicar com o pesquisador mesclavam a Libras com a LST, já os ouvintes não sabiam Libras e dependiam totalmente da intérprete para se comunicarem. Sem ela era impossível a interação.

Quadro 04: nomes da entrevista

Ordem	Nomes	Idade	Filhos	Mora	Línguas Libras / LST / Português	Surdo/ Ouvinte
1	Leopoldina Gontija	83	9	Uberlândia	LST / Português	Ouvinte
2	Maria de Fátima	60	3	Tiros	LST	Surda
3	Maria Vanilda	53	2	Uberlândia	Libras / LST	Surda
4	Orlando	58	3	Tiros	LST / Português	Surdo
5	Ana Lúcia (ouvinte)	49	0	Uberlândia	LST / Português	Ouvinte
6	Jose Maria	51	0	Uberlândia	Libras / LST	Surdo
7	Ivani Geralda (surda)	43	1	Uberlândia	Libras / LST	Surda
8	Ivani Aparecida (ouvinte)	44	2	Uberlândia	Libras / LST / Português	Ouvinte
9	Lenir Lima	41	3	Uberlândia	Libras / LST	Surda
10	Bruno	42	3	Uberlândia	Libras / LST	Surdo
11	Ana Lúcia (surda)	45	2	Tiros	LST	Surda
12	Belchior	44	2	Tiros	Libras / LST	Surdo

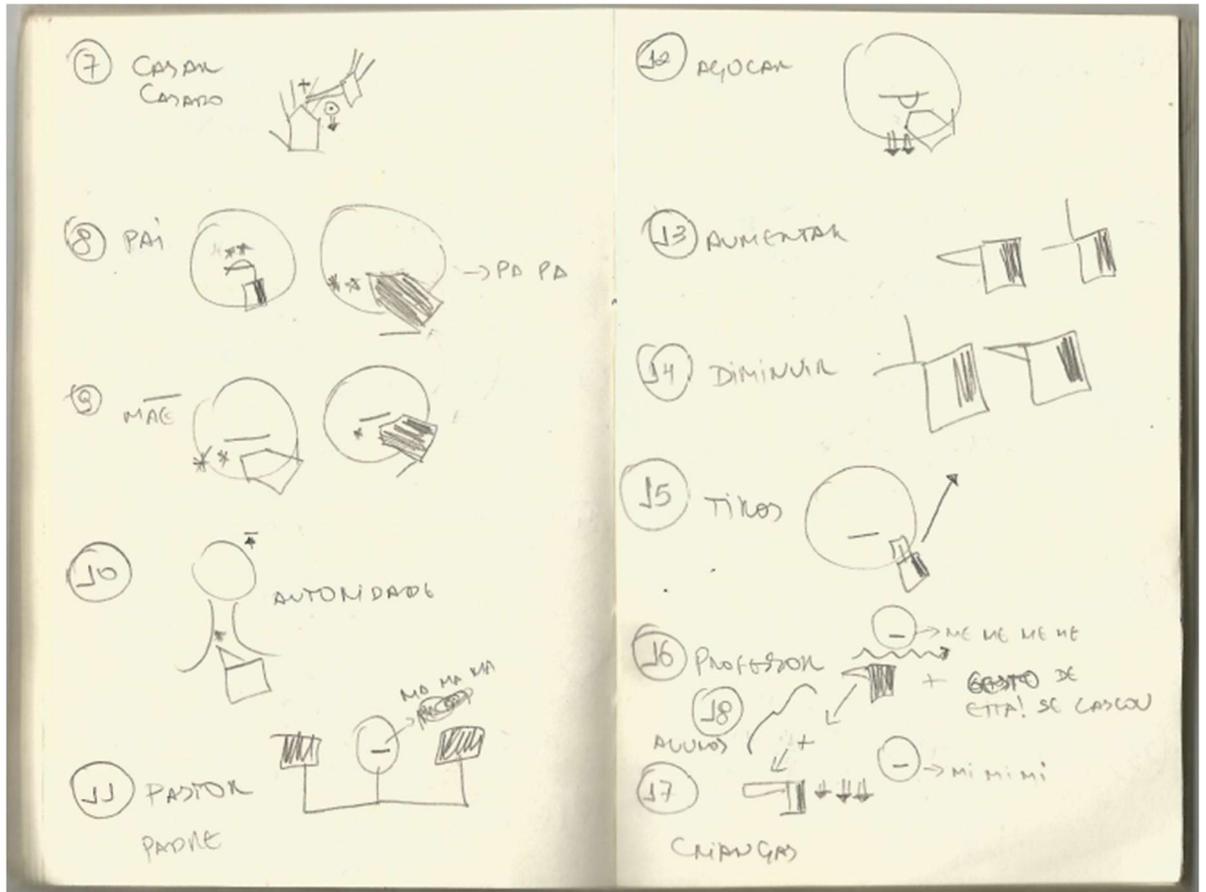
13	Aprigio (Pai de Ivani (surda))	88	2	Tiros	LST / Português	Ouvinte
14	Sena (Mãe de Ivani(surda))	75	2	Tiros	LST / Português	Ouvinte
15	Ziva Ramiro	62	3	Brasília	LST	Surda
16	Lourdes	60	3	Tiros	LST / Português	Ouvinte
17	José	66	3	Tiros	LST / Português	Ouvinte
18	Lourdes	67	3	Tiros	LST / Português	Ouvinte
19	Maria Aparecida	64	1	Tiros	LST / Português	Ouvinte
20	Neide	36	2	Tiros	LST / Português	Ouvinte
21	Flavia	39	2	Tiros	LST / Português	Ouvinte
22	Silvany	34	2	Tiros	LST / Português	Ouvinte
23	Fabio	37	1	Tiros	LST / Português	Ouvinte

Fonte: Elaboração própria

A tecnologia de comunicação desempenhou um papel crucial na nossa pesquisa. Levamos diversos equipamentos: máquina fotográfica, tripé, celular, filmadoras, notebook e software de edição de imagem.

Durante o trabalho de campo, coletamos muito mais de 300 sinais para auxiliar nossa pesquisa. Esses registros foram feitos inicialmente à mão através da utilização de SignWriting. Futuramente, é nosso objetivo organizar um dicionário para registro e valorização da Língua de Sinais Tiros, preservando parte dessa língua que tem muito valor.

Figura 12: Anotação na LST

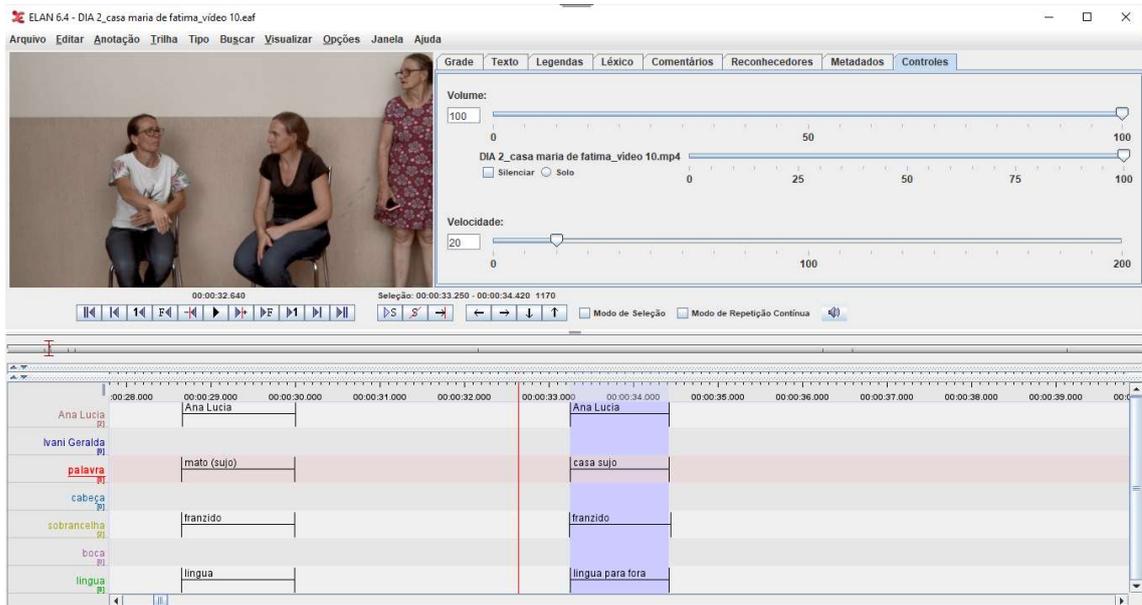


Fonte: arquivo pessoal

Foi utilizado o software ELAN para anotação dos dados. As trilhas indicam os sinais referentes aos nomes das pessoas, palavra, cabeça, sobrancelha, boca e língua. Alguns vídeos aparecem duas ou mais pessoas, por isso, é necessário identificá-las nas trilhas. Esta divisão de categorias serve para analisarmos os vídeos em relação às expressões manuais, graus de aumentativo e diminutivo, negação, verbos, uso de uma ou duas mãos, sobrancelha, articulação da boca e língua para fora.

- Nomes das pessoas: Lenir, Maria de Fátima etc.
- Palavra: tradução para o português do significado dos sinais.
- Cabeça: tem movimento para cima, para baixo, para a direita e a esquerda ou neutro.
- Sobrancelha: ver se a sobrancelha levanta ou neutro e também olhos fechados ou abertos ou semicerrados.
- Boca: aberta ou fechada alguns “v” e “x” e língua para fora ou alguns em português.
- Língua: para fora ou neutra.

Figura 13: Elan



Fonte: arquivo pessoal

As entrevistas foram realizadas de três formas: individual, diálogo em dupla ou em trios, natural. O pesquisador acompanhou todas as entrevistas junto com a intérprete de Língua de Sinais Tiros. A intérprete sempre começava as perguntas e cada participante descrevia detalhadamente algum ambiente em que já viveu, uma atividade cotidiana ou narrava uma experiência pessoal. Foi preciso cautela para não filmar por muitas horas seguidas, pois os participantes poderiam ficar cansados e desanimados, por não estarem acostumados em frente à câmera. Quando percebíamos que estavam um pouco cansados ou desanimados, fazíamos uma pausa e depois voltávamos no mesmo dia ou até mesmo no dia seguinte, para garantir que todos se sentissem confortáveis e pudessemos concluir as entrevistas adequadamente. “Basicamente existem três tipos de contato: interações livres, entrevistas e testes” (Oliveira e Silva, 2003, p. 124).

Figura 14: Entrevista individual e Entrevista dupla



Figura 15: Entrevista trios e Conversação da história



Os Haifa Clips consistem em 30 videoclipes curtos de duração entre 2 a 4 segundos cada, originalmente desenvolvidos por Sandler et al. (2005). O material é construído baseado em 13 sentenças intransitivas, 13 sentenças monotransitivas e 4 sentenças bitransitivas, o que nos possibilita ter uma ideia geral sobre como as diferentes valências verbais podem ser representadas nesse sistema. Um exemplo de sentença intransitiva é um clip em que “Uma garrafa de água cai sozinha” e uma sentença transitiva, o sinalizador assistem a “Uma mulher penteando o cabelo de uma criança” ou vice-versa. O uso dos Haifa clips é positivo por ser uma metodologia já utilizada para investigação de várias Línguas de Sinais de comunidades no mundo, e isso facilitar a comparação e o intercâmbio de dados para pesquisas. A tarefa consiste em assistir aos clips em um laptop e contar o que viram para um outro sinalizador nativo. O interlocutor, então, é perguntado se compreendeu o que viu na sinalização e deve marcar entre 3 opções disponíveis em um material impresso, que imagem corresponde ao que foi sinalizado. Essa parte da tarefa fornece evidências sobre o estágio de convencionalização do código utilizado pela família.

Figura 16: Haifa Clips-1



Figura 17: Haifa Clips-2



Escolha apenas um exemplo sobre o Haifa Clip e veja o vídeo abaixo com o QR code.

Figura 18: Haifa Clips-3



Fonte: arquivo pessoal

Figura 19: Haifa Clips-4



Fonte: arquivo pessoal

Na próxima seção, apresentamos os resultados das nossas análises.

5 ANÁLISE DE DADOS

Por meio da pesquisa, pudemos perceber, num primeiro momento, que existe uma diferença entre a Libras e a LST em relação ao léxico e demais estruturas gramaticais. Embora tenhamos percebido essa diferença, observamos que ambas as línguas são equivalentes do ponto de vista funcional, logo não podemos falar de uma hierarquia entre elas. Ou seja, a LST é um meio de expressão linguística que atende à comunidade surda de Tiros assim como a Libras e demais línguas de sinais atendem às comunidades surdas que a utilizam.

A descrição da LST, no entanto, por se tratar de uma língua de sinais de microcomunidades impõe desafios, a começar pelo número reduzido de usuários. Para os objetivos desta tese, nos concentramos na análise do léxico básico da língua, destacando casos de variação fonética e lexical, aspectos gramaticais e o uso de marcadores não manuais.

Nesta seção, apresentaremos os resultados da pesquisa. Primeiramente, serão discutidos os resultados obtidos a partir da aplicação dos Haifa Clips. Posteriormente discutiremos os resultados relativos aos aspectos fonológicos, lexicais e gramaticais.

5.1 HAIFA CLIPS

Como mencionado anteriormente, a aplicação da metodologia de coletas de dados através dos Haifa clips nos permite, por um lado, acessar um contexto de produção mais controlado de sentenças transitivas, e, por outro, controlar análises comparativas entre os participantes do próprio grupo analisado assim como entre dados coletados para outras línguas de sinais. Advertimos, todavia, que, nesta tese, apresentaremos as análises apenas da LST. Num outro momento, pretendemos realizar uma análise contrastiva com outras línguas de sinais emergentes.

Primeiramente, foram escolhidas as duplas, compostas por um surdo e um ouvinte sinalizante. Ao observar a interação entre surdos e ouvintes sinalizantes de LST, nosso objetivo é atestar a proficiência e a consistência lexical dos participantes. As duplas incluíam pessoas que conviveram na infância ou que estiveram mais próximos da família e, também, pessoas que não tivessem tanta convivência na família, mas que conhecem os sinais de Tiros. O objetivo era comparar se a comunicação na língua de sinais Tiros seria mais eficaz ou se haveria mais erros, no sentido de dificuldade de compreensão. Algumas dificuldades foram percebidas, principalmente devido à timidez diante à câmera e a falta de familiaridade com o procedimento. Percebemos que durante a aplicação do teste, os informantes foram ficando mais à vontade.

Após explicar melhor a dinâmica, eles ficaram à vontade e foram agindo naturalmente. Alguns também ficavam em dúvida se usavam a Língua de Sinais Tiros ou a Libras, pois consideram a Libras mais formal e se sentiam envergonhados com a própria língua, como se ela fosse inferior a outra, o que gerava insegurança.

Inicialmente, chamei duas pessoas — um surdo e um ouvinte — que não tinham muito contato entre si. Eles se conheciam, mas não conviviam. Percebi também que cada família usava uma variação, por exemplo (sinal no braço TATA) sinal de MULHER-2 (Figura 37), e a outra família sinalizava (mão da cabeça para o ombro).

Figura 37: MULHER-2



<https://youtu.be/j7dCc0NSsLQ>

Em relação a uma participante, percebi que a comunicação não estava fluindo, pois enquanto o ouvinte sinalizava pouco e somente na Língua de Sinais Tiros, o surdo misturava a Língua de Sinais Tiros com Libras. Quando eu percebia essa mistura, avisava para a participante surda que deveria utilizar somente a Língua de Sinais Tiros.

Fui observando que estava ficando muito confuso. Depois percebi que a pessoa surda não queria usar Língua de Sinais Tiros, queria mostrar que sabia Libras, que tinha orgulho desse conhecimento. Então eu lembrava a ela que o ouvinte não sabia Libras e precisava ser em Língua de Sinais Tiros, mas ela queria continuar em Libras.

Encerrando essa entrevista, convidei a próxima dupla, mudando a estratégia, pois essa dupla tem contato e convivência. Esses dois tinham uma mente mais aberta, entenderam o objetivo da pesquisa, e dessa forma conseguimos um aproveitamento melhor do que com a dupla anterior. Tivemos a percepção que os dois se comunicavam de forma fluente em Língua de Sinais Tiros.

Finalizado a segunda dupla, fui para a próxima, tentei de uma forma diferente, com um nível de contato diferente e fui sendo mais assertivo nas falhas, nas dificuldades e nos acertos.

Então tentei três duplas diferentes:

- Na primeira dupla, percebi que a surda já se sentia pronta, como se já soubesse o que falar. A dupla era de Tiros mesmo. Acredito que ela pensou que Língua de Sinais Tiros era inferior e não sentia valorização por essa língua e insistia em mudar os sinais. Quando era filmada em uma conversa informal, de forma espontânea, era sinalizado com Língua de Sinais Tiros. Mas quando eles lembravam que estavam sendo gravados, mudavam para Libras, pois era uma gravação formal.
- Com a segunda dupla, deu tudo certo, se comunicaram bem, tinham afinidade, cresceram juntos, conviviam, foi a dupla que teve menos erros em comparação com as outras e mais acertaram a proposta dos Haifa.
- A terceira dupla, apesar de se conhecerem, não tinha muito convívio, a comunicação era intermediária na Língua de Sinais Tiros, apesar de saberem Libras. Na entrevista utilizaram somente da comunicação por meio da Língua de Sinais Tiros.

A aplicação dos Haifa clips foi feita com os 10 participantes sendo 5 surdos e 5 ouvintes, organizados em duplas de surdo e ouvinte. Por exemplo: um surdo assistiu a um vídeo curto de 3 segundos e depois sinalizava em língua de sinais Tiros, em que o ouvinte tem 30 folhas de papel e caneta para assinalar dentre as 3 perguntas qual a opção correta. Temos 30 vídeos de Haifas Clips cada um tinha 1 questão.

Feita a aplicação dos Haifas Clips com as 5 duplas, apresentamos a seguir o resultado de cada uma delas. Veja a tabela abaixo:

Quadro 05: Tabela de Haifa Clip

DUPLA	CORRETO	INCORRETO
Dupla 1	16	14
Dupla 2	29	1
Dupla 3	29	1
Dupla 4	30	0
Dupla 5	25	5

Percebemos que a dupla 1 fez 14 marcações incorretas porque a participante surda sinaliza de forma misturada a língua de sinais Tiros e a Libras e o participante ouvinte sabe a língua de sinais Tiros, mas não sabe nada de Libras. Por isso, fez mais marcações incorretas do

que corretas. A participante surda da dupla 1 queria mostrar que sabe Libras por causa da filmagem e por conta da presença dos pesquisadores. Nós pesquisadores tentamos explicar que era para sinalizar somente a Língua de Sinais Tiros, mas ela misturou os dois. As demais duplas conseguiram sinalizar somente na Língua de Sinais Tiros, por isso que conseguiram mais acertos do que erros.

De um modo geral, excluindo-se os resultados da Dupla 1, podemos perceber que a comunicação entre pessoas surdas e ouvintes é profícua, com utilização de sinais de forma regular.

5.2 ASPECTOS FONOLÓGICOS

Apresentamos abaixo os resultados relativos a aspectos fonológicos da LST. A análise de parâmetros fonológicos nas línguas de sinais remonta às primeiras pesquisas de Stokoe (1960) e pode fornecer evidências acerca da sistematicidade da LST. Na primeira subseção, apresentaremos os resultados relativos à presença de pares mínimos, em que a alteração de algum parâmetro leva à mudança de significado. Já na segunda, apresentaremos exemplos em que apesar da alteração de algum parâmetro, principalmente o número de mãos, não interfere no significado, representando um caso de variação.

5.2.1 Pares mínimos

Pudemos observar nos dados a existência de sinais que podem formar pares mínimos, ou seja a alteração de um parâmetro altera o significado do sinal. Por exemplo, em português /bata/, /pata/. Os sons iniciais de cada uma destas palavras são distintivos, pois mudam o significado da palavra. Assim, /b/ e /p/ são fonemas do português como o contraste entre as palavras /bata/ e /pata/ evidenciam.

Na língua de sinais podemos também listar pares mínimos em relação às configurações de mão, ou à locação, ou ao movimento em que apenas a mudança de um destes elementos em contraste com os demais idênticos vai identificar o seu valor distintivo na língua. O contraste entre os sinais TER (Figura 20) e ALEMANHA (Figura 21), como apresentado em Gesser (2009, p. 15) é representativo do que seria um par mínimo em Libras: os dois sinais têm a

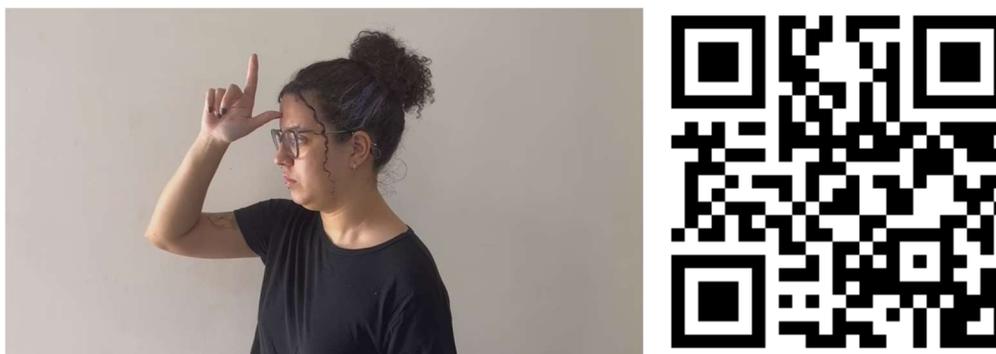
mesma configuração de mão e o mesmo movimento, mas têm pontos de articulação distintos (no tórax para TER e na testa para ALEMANHA).

Figura 20: TER (Libras)



<https://youtu.be/mTOkzm93Q9o>

Figura 21: ALEMANHA (Libras)



<https://youtu.be/mTOkzm93Q9o>

Na LST, temos duas figuras são de diferentes sinais, a figura 22 é FERMENTO e a figura 23 é PODRE. Elas têm a mesma locação e expressão não-manual, mas têm configuração de mão diferente. Na Figura 22, a língua está para fora com movimento. Se for sem expressão não-manual ou sem movimento com a língua, o sinal perde o significado, não é possível entender. Quando se usa o sinal PODRE (figura 23) precisa usar boca fechada com expressão manual “sério” e olho semicerrado. É preciso fazer corretamente para haver compreensão. Não se sabe o porquê da criação do sinal figura 23 PODRE.

Figura 22: FERMENTO



<https://youtu.be/HaHXMwmKmzY>

Figura 23: PODRE



<https://youtu.be/EHixmJu36Cw>

Os sinais VONTADE (figura 24) e AÇÚCAR-1 (figura 25) apresentam semelhanças, mas diferenças quanto à articulação-boca. VONTADE (figura 24) é executado com o movimento de morder o lábio juntamente com sobrancelha franzida, por exemplo, “estou com vontade de comer pão de queijo”. Em AÇÚCAR-1 (figura 25), a boca é aberta sem expressão facial. O sinal de açúcar é feito usando a boca aberta, a mão aberta toca a boca com os dedos fechados com movimento de três batidas na boca, bem rápido.

Veja outros sinais bem parecidos:

Figura 24: VONTADE



<https://youtu.be/Er3QQzRTooE>

Figura 25: AÇÚCAR-1



<https://youtu.be/gmF5-hYqMNY>

5.2.2 Variação na realização de parâmetros

A tese de Xavier (2014) explicou que a Libras pode utilizar uma ou duas mãos para se comunicar. Entender esse aspecto é importante para compreender como a Língua de Sinais Tiros faz uso de uma ou duas mãos. Veja abaixo a figura. O sinal 'PRECISAR' pode ser feito com uma (Figura 26) ou duas mãos (Figura 27). O autor também disse que o uso de uma ou duas mãos em certos sinais não altera o significado. Pode-se usar uma ou duas mãos na língua de sinais.

Figura 26: PRECISAR-1 um mãos (Libras)



<https://youtu.be/wjpzaER5ino>

Figura 27: PRECISAR-2 duas mãos (Libras)



<https://youtu.be/NsJmVVJ8qOk>

Quando filmamos o diálogo das duplas interagindo naturalmente, percebemos que alguns sinais podem ser realizados com uma ou duas mãos sem que haja alteração no significado. A interação era uma conversa sobre família e, portanto, não temos evidências sobre usos com maior ou menor formalidade. Desse modo, descreveremos esses casos como variação lexical.

Percebemos que a participante Maria Vanilda no momento da interação estava com o celular em uma das mãos e na outra mão sinalizou BEBÊ-2 (Figura 29), percebemos que a interlocutora entendeu o significado, pois respondeu sinalizando com as duas mãos. Mas o sinal oficial de BEBÊ-1 em Tiros é feito com as duas mãos (Figura 28).

Veja o exemplo imagem:

Figura 28: BEBÊ-1 duas mãos



<https://youtu.be/JqYDbvhk8iQ>

Figura 29: BEBÊ-2 uma mão



https://youtu.be/M_LrFM8dYrU

Encontramos na LST a ocorrência de sinais feitos com 1 ou 2 mãos, a depender da rapidez da conversação. Por exemplo, o sinal de MORTE/MORRER (Figura 30 e figura 31) pode ser feito com 1 ou as 2 mãos conforme apresentado na imagem. Dependendo do contexto da conversação, o significado pode ser outro, por exemplo O-QUÊ. Por isso, em LST, percebemos muito a variação da quantidade de mãos, assim como na Libras que também se faz o uso de 1 ou 2 mãos, por exemplo o verbo PRECISAR-1 (Figura 26) e PRECISAR-2 (Figura 27). Percebemos que a LST e a Libras são semelhantes em muitos aspectos.

Figura 30: MORRER um mão



<https://youtube.com/shorts/ed6Be1DPjMc>

Figura 31: MORRER duas mãos



https://youtube.com/shorts/h_wtDC8wnxY

HOJE MORRER ELA



HOJE



MORRER



IX3

(1) LST: HOJE MORRER IX3

Português: *Hoje ela já morreu.*

Na ocorrência 1, além de usar apenas uma mão no sinal MORRER, percebe-se o uso do pronome de 3ª. pessoa. O sinal de MORRER tem por configuração de mão aberta, orientação da palma para baixo virando para cima, expressão facial de susto com a boca aberta (Figura 30) e pode ser feito com uma ou duas mãos. Os parâmetros são os mesmo quando adicionada a segunda mão (Figura 31).

Encontramos uma outra ocorrência dos sinais ESQUECER-1 e ESQUECER-2, feito formalmente como a expressão facial com um olho piscando, a língua para fora e para o canto da boca, configuração de mão aberta, orientação de palma para dentro, movimentação de cima para baixo (Figura 32). A variação aqui, observada nas Figuras (32) e (33) diz respeito ao ponto de articulação do sinal, que pode ser feito mais perto ou mais longe da cabeça, respectivamente. Percebemos pelo contexto que, inclusive, o

olhar é desviado para a pessoa com quem está na interação. A sinalização é mais rápida e a língua fica levemente para fora (Figura 30).

Figura 32: ESQUECER-1



<https://youtube.com/shorts/HXNCEcAhe3s>

(1) LST VER ESQUECER.

Figura 33: ESQUECER-2



<https://youtube.com/shorts/BauxiyMbyyw>

(2) LST: ESQUECER NÃO ESQUER LEMBRAR MUITO-TEMPO

Os sinais TRISTEZA (Figura 34) e CHORAR/CHORO (Figura 35) são do mesmo campo semântico e apresentam semelhança na sua realização. CHORAR é utilizado o sinal (figura 35) com a configuração de mão deitada e em garra, orientação da palma da mão para dentro, movimento de cima para baixo na frente do rosto, feito duas vezes ou mais. A expressão facial é de tristeza. Já o sinal de TRISTEZA (Figura 34) é feito com a mesma configuração de mão do sinal CHORAR (Figura 35) mas com a apenas um movimento feito de cima para baixo na frente do rosto.

Figura 34: TRISTEZA



<https://youtube.com/shorts/9AIOG6TDgew>

Figura 35: CHORAR



<https://youtu.be/8bKjO-D1gzA>

5.3 ASPECTOS DO LÉXICO DA LST

Quadros e Karnopp (2004) explicam a iconicidade da língua de sinais, cujos sinais têm a forma dos objetos ou movimentos. O sinal de HOMEM (Figura 36), por exemplo, é bem parecido ao sinal de BIGODE, pois antigamente o homem usava o bigode. O autor Wilcox (2004) fala sobre “a iconicidade da LS: apresenta uma visão cognitiva para definir este conceito, especificamente para as Línguas de Sinais”. Também o sinal de MULHER-2 (Figura 37) é considerado icônico por causa da referência ao comprimento do cabelo.

Veja o abaixo sinal de homem e mulher:

Figura 36: HOMEM



<https://youtu.be/HnfbGBRt9uE>

Figura 37: MULHER-2



<https://youtu.be/j7dCc0NSsLQ>

Agora apresento um verbo associado a um classificador, o verbo “VIAJAR” (Figura 38). Este sinal é feito com a palma da mão aberta, orientação em diagonal, movimento de baixo para cima. Notamos que ele faz referência a decolagem do avião. Em Libras, temos um sinal para avião e outro para viajar. Também podemos falar “viajar de avião” somente com o sinal de avião. Da mesma maneira em LST, “viajar de avião” é referenciado com o sinal de decolagem, como vemos a seguir.

Figura 38: VIAJAR



https://youtube.com/shorts/Cu9xtrK_Aks

Outro exemplo é o verbo “ESCONDER” (Figura 39). Em Libras, este verbo é feito com arqueamento dos ombros juntamente com o sinal manual da mão não dominante parada e fechada e a mão dominante com a palma aberta movimentando, deslizando sobre a outra mão. Notamos que na língua de Tiros o sinal manual é com ambas as mãos fechadas e juntas, e o mesmo arqueamento dos ombros. Apesar da similaridade, a língua de Tiros não sofreu influência da Libras, a comunidade de Tiros sinaliza “ESCONDER” (Figura 39) de forma natural e espontânea e não por causa de um contato com a Libras.

Figura 39: ESCONDER



<https://youtube.com/shorts/kgbmQ1BhfXs>

Diversos verbos foram encontrados no corpus, como o verbo “ESCONDER” (Figura 39) que já o explicamos anteriormente, por isso escolhemos apenas alguns para apresentar aqui. O verbo “VER” (Figura 40) é feito com uma mão com o dedo indicador e o médio semidobrados e os demais dedos abaixados, a boca um pouco aberta, se o sentido é negativo como, por exemplo “NÃO-VER” (Figura 41). A configuração de mão é a mesma, porém é adicionado a língua para fora. Em Libras utilizamos o verbo “VER” (Figura 40) com a configuração de mão do dedo indicador e médio levantados e o restante dobrado, e para o verbo “NÃO-VER” (Figura 41) utilizamos o leve giro da cabeça de um lado para o outro juntamente com o sinal manual da palma da mão aberta passando em frente aos olhos. Novamente notamos que ambas as línguas usam das expressões faciais para demonstrar o sentido negativo.

Figura 40: VER



<https://youtube.com/shorts/E3NiLMczIds>

Figura 41: NÃO-VER



https://youtube.com/shorts/tz_2x2TQe-0

O sentimento de MEDO (Figura 42) é sinalizado com a configuração das duas mãos em punho fechado. A orientação da mão é uma de frente para a outra, o movimento de abrir e fechar os braços é realizado uma vez, a expressão facial é com a abertura da boca e a língua levemente para fora. Quando indicar intensidade (muito medo), a movimentação é realizada de duas a três vezes.

Figura 42: MEDO



<https://youtube.com/shorts/PAtu0uNVUQY>

Analisando os sinais e separando-os em categorias, percebemos que na LST há sinais para sentimentos, todas as emoções podem ser expressas. Apresento o sinal de “PROBLEMA” (Figura 43), feito com a mão em forma de garra e movimento de balanço, sobrancelhas franzidas e boca com os lábios apertados em forma de bico, muito parecido com o sinal de briga em Libras. O segundo sinal que apresento, “NÃO-DEIXAR/PROIBIDO” (Figura 44) é feito com o indicador levantado e demais dedos baixados, orientação da palma para frente do corpo, sobrancelhas franzidas e lábios apertados e retos. Portanto, é possível comunicar todos os sentimentos, vejamos outro sinal abaixo.

Figura 43: PROBLEMA



<https://youtube.com/shorts/0VIDQjfQXDQ>

Figura 44: NÃO-DEIXAR ou PROIBIDO



https://youtube.com/shorts/8u-C7_FZ6-8

Anteriormente apresentamos o sinal de “NÃO DEIXAR/PROIBIDO” (Figura 44) e o de “PROBLEMA” (Figura 43). Agora apresentamos o sinal de “CONSELHO” (Figura 45), feito com a configuração da mão em L, a orientação da palma para dentro e o indicador apontando para frente. O movimento é um suave balançar da mão. A expressão facial faz uso da língua levemente para fora, muito semelhante ao sinal de ordenar. Pode ser usado em temáticas de aconselhamento ou para comunicar sobre sentimentos positivos ou de raiva. Notamos o sentido pela expressão facial, que no exemplo a seguir transparece calma.

Figura 45: CONSELHO



<https://youtube.com/shorts/teRAgyWwxws>

Identificamos dois sinais para “FAZENDA” (Figura 46) um com sentido positivo (Figura 47) e outro negativo (Figura 48). O primeiro é empregado em contexto como “a fazenda é grande, é ótima”. Ele é produzido com as duas mãos em configuração de L, orientação da

palma para frente e movimento de dentro para fora. O segundo sinal se refere a um contexto negativo como “a fazenda é pequena, é pobre, simples”. É produzido com as palmas da mão abertas uma de frente para a outra e as pontas dos dedos se tocam, o movimento é de rápido giro das pontas dos dedos e as mãos vão em direção à frente do corpo.

Figura 46: FAZENDA



<https://youtu.be/iPRuhjn5ZSk>

Figura 47: FAZENDA-ÓTIMO-POSITIVO



<https://youtube.com/shorts/1UwsCS0DdXE>

Figura 48: FAZENDA-RUIM-NEGATIVO



<https://youtube.com/shorts/Vw7sxZ-AwUw>

Como dito anteriormente a respeito do uso da língua para fora em contextos negativos, aqui apresentamos mais alguns sinais com este sentido. O sinal “DESARRUMAR” (Figura 49) que é feito batendo as palmas das mãos duas vezes, uma vez com a mão esquerda por cima e a segunda vez com a mão direita por cima e a língua está para fora. Este sinal é utilizado para dizer que algo está bagunçado. O segundo sinal é “SUJO” (Figura 50) e é feito com as duas mãos abertas deslizando no tronco de cima para baixo juntamente com a língua para fora. Estas duas ocorrências têm uma acepção negativa. Como já mencionamos acima, o uso da língua para fora está associado a contextos de sentidos negativos.

Percebemos que a língua para fora é utilizada em contexto de negativos como algo ruim, sujo, etc. Vejamos outro sinal abaixo.

Figura 49: DESARRUMAR



<https://youtube.com/shorts/r16vHcxkA1g>

Figura 50: SUJO



<https://youtube.com/shorts/fpMeOwlwZB4>

Na língua de sinais Tiros encontramos também modos de expressar antônimos como veremos a seguir.

Na imagem (figura 51), vemos o sinal de FRIO que é feito com a configuração de mão dedos fechados em punho na altura do rosto com a expressão facial com apertamento dos lábios e os olhos semicerrados, mas quando se trata de um frio intenso o sinal manual é o mesmo, mas a expressão facial se altera forçando mais o apertamento dos olhos e da boca.

Figura 51: FRIO



<https://youtube.com/shorts/K8O-TA13zGc>

Também percebemos na imagem abaixo (figura 52) o sinal que representa o conceito QUENTE que é feito com a mesma configuração de mão do que o sinal FRIO, isto é, mão com dedos fechados em punho na altura do rosto. A diferença está na expressão facial da boca soprando suavemente o ar. Ao mudar a expressão facial, a intensidade do significado também muda como, por exemplo, em um dia de sol e calor intenso a expressão facial se intensifica, o sopro é mais forte.

Figura 52: QUENTE



<https://youtube.com/shorts/ZwIuEkk73gU>

A seguir, um exemplo, em uma frase empregando os sinais de quente e frio:



DIA-INTEIRO



FRIO



QUENTE



QUAL



FRIO



QUENTE

Veja o vídeo QRCODE abaixo:



<https://youtu.be/iryyjyvXCFk>

(2) LST: DIA-INTEIRO.PC FRIO. QUENTE.PC QUAL FRIO QUENTE.PC

Português: Dia inteiro foi frio ou calor, qual?

Veja a resposta:



QUENTE

(3) LST: QUENTE

Português: Estava calor.

Encontramos uma variação para o sinal QUERER (figura 54). O sinal é feito com a expressão facial dos dentes superiores apertando o lábio inferior e boca fechados e apertamento dos olhos. O significado é o mesmo, mas o contexto de uso é diferente como mostramos abaixo. O contexto refere-se à pergunta se ela gostaria de se mudar de Tiros, ao que ela responde NÃO-QUERER (figura 53) fazendo o apertamento dos lábios juntamente com o dedo indicador de um lado para o outro e em seguida diz querer continuar morando na cidade.

Na Libras há o verbo simples para o termo QUERER e outro para o termo NÃO-QUERER, já na língua de sinais Tiros o verbo é composto pelo apertamento dos lábios e o sinal manual da afirmação ou negação.

Figura 53: NÃO-QUERER



<https://youtube.com/shorts/mm6xaTN4npg>

(4) LST: NÃO-QUERER MÉDICO IR NÃO-QUERER

Português: Não querer ir ao médico.

Figura 54: QUERER / GOSTAR



<https://youtube.com/shorts/dQx-2ksEmDE>

Figura 55: GOSTAR-FICAR-SENTAR



<https://youtube.com/shorts/ZgClZKi8jOw>

Na imagem seguinte (Figura 55), a participante sinaliza o mesmo sinal, porém com o significado de GOSTAR, segundo o contexto de uso: “As pessoas gostam de vir aqui”. Percebemos que o significado muda dependendo do contexto, pode ser QUERER ou GOSTAR sendo feito sempre com o apertamento dos lábios.

O sinal “O QUÊ” (Figura 56) em Libras é realizado com o toque do polegar e do indicador, sobrancelhas franzidas, apertamento da boca para frente e um leve balanço de cabeça. Identificamos que na língua de Tiros esse sinal é muito semelhante. A diferença é que a língua fica levemente para fora da boca e as mãos ficam com as palmas abertas e orientação para cima, o movimento da cabeça e o franzimento da sobrancelha são os mesmos. É bastante interessante a diversidade de expressões na língua de Sinais Tiros.

Figura 56: O-QUÊ?



https://youtube.com/shorts/4t6Mo_mcXzw

Veja o abaixo uma frase O quê?

		
O QUE?	QUAL? (DUVIDA)	APONTA (HOMEM)
		
HOMEM	ESSE	HOMEM?

Veja o vídeo QRCODE abaixo:



https://youtube.com/shorts/4t6Mo_mcXzw

(4) LST: IX O- QUE?.TP IX HOMEM HOMEM?.HN

Português : O que? Qual? (não entendi). Aponta o homem. Esse é homem?

No contexto de perguntas, a maioria usou expressões interrogativas, como expressão facial com sobrancelha franzida, do mesmo modo que em Libras, o que comprova que a LST tem uma estrutura gramatical tão rica quanto a Libras.

Na cidade de Tiros, existem duas famílias diferentes. A Família de Lenir tem a maioria das pessoas surdas, enquanto a família de Ivani (surda) e Ana Lúcia (surda) tem apenas duas irmãs surdas. Dois tios surdos da Família de Lenir cuidaram dos sobrinhos surdos, além de Ivani (surda) e Ana Lúcia (surda). Eles sempre se encontram aos fins de semana, às vezes, quinzenalmente, porque moram um pouco distantes, cerca de 3 km de estrada de terra.

As duas famílias utilizam sinais diferentes para o conceito de mulher, melhor amigo e para o conceito de açúcar. O sinal MULHER-1 (Figura 57) é feito usando-se o cabelo comprido com uma ou duas mãos em configuração aberta com a palma virada para dentro, tocando na cabeça e depois o ombro. A expressão facial é com a boca apertando os lábios e em seguida abrindo-os.

A autora Padden S(1980) colabora com o debate acerca do uso de articulação bucal nas línguas de sinais tendo por referência a língua oral e identificou que a American Sign Language não faz articulação bucal referente ao inglês. É interessante notar que o mesmo ocorre na língua de sinais Tiros em relação a articulação bucal e a oralização de palavra do português. Um exemplo disso é o sinal de “Mulher”, feito com uma mão em palma da mão aberta e orientação para cima e movimento de batida no braço juntamente com a articulação bucal de “tata”. Tentamos investigar como se deu o surgimento dessa articulação de “tata” se faz referência a

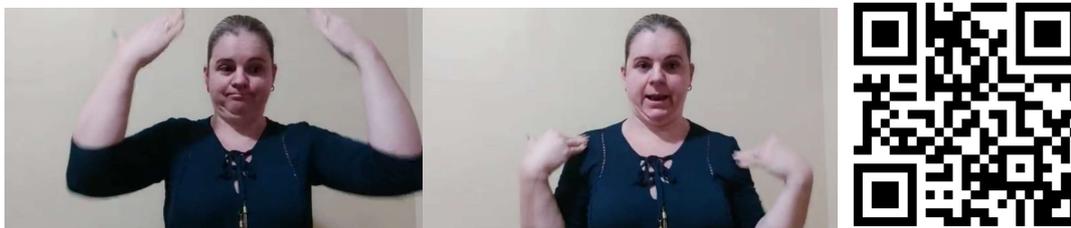
algum ancestral chamado Tatá, mas ninguém da família soube nos responder. O fato é que todos utilizam largamente as articulações bucais sem referência a língua oral assim como Padden identificou.

O sinal MULHER-2 (figura 37) utiliza a configuração de mão com palma aberta virada para cima, tocando levemente o ombro com a articulação-boca “TATA”. Só é possível realizar o sinal com a articulação-boca “TATA”, sem este não é possível se comunicar com eles.

Percebemos que não é possível se comunicar usando o sinal da figura 57 com a família que utiliza o sinal da figura 37. Em um momento de interação, o pesquisador realizou o sinal anteriormente citado e a família não o compreendeu. A intérprete lembrou que o sinal era produzido pela outra família e então nos ensinou o sinal específico daquela família. A situação aconteceu quando dialogávamos sobre filhos. Foi neste momento em que houve o auxílio da intérprete, pois o pesquisador havia produzido o sinal errado. Dessa forma, é importante compreender como utilizar cada sinal com cada família. A intérprete que nos acompanhou consegue se adaptar a comunicação com cada família.

Veja as imagens abaixo que duas famílias são diferentes sinais:

Figura 57: MULHER-1



https://youtu.be/N2fBI8IG_4Y

Figura 37: MULHER-2



<https://youtu.be/j7dCc0NSsLQ>

A mesma situação foi percebida sobre sinais de MELHOR-AMIGO-1 (figura 58) e MELHOR-AMIGO-2 (figura 59). Os sinais têm a mesma configuração de mão, expressão facial e articulação-boca, mas diferentes movimentos, quantidade de mãos e orientação da palma da mão. A Família de Lenir usou o sinal simples (figura 58) enquanto a outra família, a de Ivani (surda) e Ana Lúcia (surda), faz o sinal composto CARINHO + MUITO (figura 59).

A primeira família utiliza o sinal com as duas mãos abertas deslizando uma na outra para cima e para baixo com expressão facial com lábios franzidos soltando o ar levemente pela boca sendo que a expressão facial demonstra a intensidade do sinal.

Veja as imagens abaixo que duas famílias sinalizam de formas diferentes:

Figura 58: MELHOR-AMIGO-1



<https://youtu.be/bTUyMg2Yb7Q>

Figura 59: MELHOR-AMIGO-2



<https://youtu.be/2EoG9OD530s>

A segunda família utiliza um sinal diferente para o mesmo conceito. É feito apenas com uma mão com a configuração da palma aberta virada para frente com movimentos para cima e para baixo na região do peito. Para mostrar a intensidade utiliza-se outro sinal com configuração de mão vertical fechada, palma para frente, dedo indicador e polegar unidos pelas pontas, distender os dedos indicador e polegar. Testamos a comunicação com este conceito da mesma maneira, produzindo o sinal de uma família para a outra e a reação foi a mesma de incompreensão.

Outro sinal em variação é o de AÇÚCAR. O primeiro sinal é realizado com a mão vertical aberta, palma para trás, tocando a mão nos lábios abertos e a movendo ligeiramente para frente. Na outra família, o sinal é produzido com configuração de mão aberta na horizontal, palma em direção ao rosto com movimentos para cima e para baixo e a língua levemente para fora.

A intensidade do sinal tem relação com a exposição da língua para fora e a intensidade do movimento da palma da mão. Essa situação foi percebida em um momento de interação em que a família ofereceu uma xícara de café amargo. No período da tarde, Maria de Fátima perguntou se aceitávamos café e solicitamos com açúcar e reproduzimos o sinal de açúcar anteriormente aprendido, mas com a língua muito exposta para fora. O café servido estava muito adocicado, pois Maria de Fátima entendeu que deveria colocar bastante açúcar devido à intensidade da língua para fora produzido pelo pesquisador. Descobrimos, assim, a relação de intensidade entre a língua a quantidade de açúcar.

As duas famílias utilizam os mesmos sinais com parâmetros diferentes, mas ainda podemos perceber que é o sinal de AÇÚCAR. O primeiro sinal de AÇÚCAR-1 (Figura 25) é feito usando a boca aberta, a mão aberta em pé, tocando a boca aberta com os dedos fechados com movimento de três batidas na boca aberta bem rápido. O outro sinal de AÇÚCAR-2 (figura 60) é feito com a língua para fora, orientação da mão deitada aberta com os dedos fechados, com movimento da mão de cima para baixo feito duas vezes. Há maneiras de marcar a intensidade, por exemplo quando se abre muito a boca e língua totalmente para fora significa MUITO + AÇÚCAR. Sinal açúcar, veja as imagens abaixo:

Figura 25: AÇÚCAR-1



<https://youtu.be/gmF5-hYqMNY>

Figura 60: AÇÚCAR-2



<https://youtu.be/U-amuJHysJk>

Se a abertura de boca for considerada normal e a língua um pouco para fora, o significado é uma quantidade normal de açúcar. É muito interessante porque percebemos marcação de intensidade.

5.3.1 Elaboração de sinais pessoais em LST

A elaboração de sinais pessoais na comunidade surda pressupõe regras sociais que são mais ou menos compartilhadas. Apresentamos a seguir alguns sinais pessoais de integrantes da comunidade surda de Tiros para destacar, principalmente, um aspecto que contrasta a LST de variedades de línguas de sinais que têm mais contato com a língua oral, que é o uso de letras através da datilologia. Para cada sinal, teremos um QR Code correspondente.

É muito interessante pesquisar os sinais de cada membro das famílias. Pude perceber que os sinais são mais naturais. Além de não usarem o sistema alfabético, os sinais representam as características de cada membro, havendo uma motivação para a criação de cada sinal. Por seu valor linguístico, foi solicitada a gravação de cada sinal. Atualmente no Brasil, percebe-se uma forte discussão a respeito dos sinais que utilizam as letras alfabéticas compondo os sinais, mas o que percebi é que na cidade de Tiros não há essa influência do português na língua de sinais local.

Cada sinal apresenta os vídeos:

Figura 61: MARIA-DE-FATIMA



https://youtu.be/_YjtSRsOBel

A irmãs ficaram em dúvida em como chamá-la assim que nasceu. Então observaram alguma característica física marcante e perceberam que Maria de Fátima tinha uma pinta entre as sobrancelhas.

Figura 62: ORLANDO



<https://youtu.be/wjcWLvA-fro>

Na época não era usual o uso de aparelhos auditivos na cidade, mas Orlando foi o primeiro a utilizar o aparelho devido seu resquício auditivo.

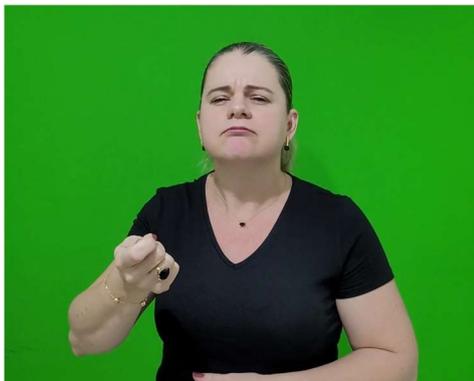
Figura 63: VANILDA



<https://youtu.be/PGvRJXwvTI0>

Suas irmãs também ficaram em dúvida em como chamá-la. Perceberam que em suas conversas Vanilda sempre jogava o cabelo para trás, o retirando do pescoço, sendo uma característica marcante dela.

Figura 64: LEOPOLDINA



https://youtu.be/0tM0-Em_eok

Uma característica marcante de Leopoldina era a sua expressão fácil, sempre quando chamada. Dessa forma, seus primos deram este sinal a ela.

Figura 65: ANA-LUCIA



<https://youtu.be/u1JFD7OLXf8>

Por ser muito tímida, tinha o costume de andar com as mãos no bolso, por isso deram este sinal a ela.

Como visto acima, cada um dos familiares tem o seu sinal próprio, criado de maneira natural, sem uso de letras do alfabeto. Um fato ocorrido quando o pesquisador, a orientadora e o coorientador foram a Tiros fazer a coleta de dados e apresentaram seus respectivos sinais, os sinalizantes da LST aprenderem o sinal da professora Dra. Angélica Rodrigues e do pesquisador Lúcio de modo mais simples porque não tem letras. Porém, o sinal do coorientador Dr. Anderson Almeida contém as letras A e D do alfabeto manual e os sinalizantes de Tiros tiveram dificuldade em reproduzir as letras, pois em LST não há alfabeto manual. Assim, passaram a identificá-lo pelo uso da barba e atribuíram-no um sinal relacionado a sua característica física, a saber o uso de barba volumosa. Esse sinal é realizado com configuração de mão em C com movimento descendente saindo do queixo. Trata-se, portanto, de um sinal com motivação icônica transparente. Cumpre destacar que em Libras encontramos sinal parecido com significados diferentes, como “barba”, “dezembro” e “Natal”.

Como identificado por Godoy, a comunidade Kaapor não faz uso da comunicação bimodal ou em português, não há escola bilíngue ou de educação especial ou o ensino da língua de sinais formalizado.

Como entre os Ka'apor não havia o estabelecimento de escolas, não existia educação “especial” e não eram forçados a aprenderem a língua ka'apor oral. Os surdos ka'apor não buscam aprender a língua falada (Godoy, 2010, p. 57).

Da mesma forma ocorre em Tiros. A aquisição desta língua se dá no convívio da comunidade surda e assim se estabelece a comunicação entre eles. Não há qualquer referência

ao português nem a utilização de letras do alfabeto. A comunicação é totalmente espontânea devido à comunidade ser muito pequena em quantidade de sinalizantes. Assim notamos as semelhanças históricas entre Tiros e os Kaapor.

5.3.2 Cores

Percebemos que a LST tem sinais próprios para cores primárias e secundárias, não se resumindo apenas em apontamentos. Assim existem sinais específicos para determinadas cores, por exemplo, para se referir AMARELO (Figura 66) utiliza-se a configuração de mão horizontal fechada, palma para frente e dedo indicador formando a letra “L”, palma da mão inclinada para cima com leves movimentos para frente e para trás em direção ao Sol e expressão facial soltando o ar pela boca.

Para se referir VERMELHA (Figura 68), utiliza-se a configuração de mão em “L” na horizontal com o dedo indicador apontando para frente e para baixo, com dois movimentos enfáticos para baixo e expressão facial com lábios cerrados e olhos semicerrados. Percebe-se que o sinal é mais concreto porque assemelha-se com a ação de matar o porco e, portanto, remete a cor do sangue do animal. Para se referir a cor azul utiliza-se a configuração de mão em “G” com o dedo polegar tocando levemente o queixo e soltando o ar pela boca. Esse é um sinal natural o qual não tem uma iconicidade ou um conceito. Semelhante ao sinal AZUL (Figura 67) em Libras, que é abstrato e, também, não tem iconicidade.

O último sinal se refere a cor VERDE (Figura 69) , feito com a palma da mão aberta para frente com movimento da esquerda para direita na altura do rosto e expressão bucal abrindo e fechando a boca. Esse sinal é icônico porque faz referência ao gramado da fazenda.

Notamos que esses sinais não fazem empréstimo linguístico do alfabeto manual e não usa apontamentos. O leitor pode ver ambos os sinais escolhidos na imagem a seguir e pelo QR code para saber como ele é realizado.

Figura 66: AMARELO



https://youtube.com/shorts/MOrTxF_Kuxo

Figura 67: AZUL



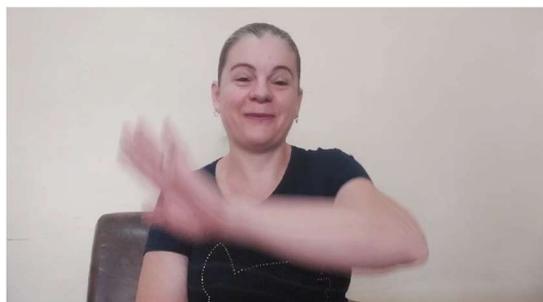
<https://youtube.com/shorts/GpmKDtL0qts>

Figura 68: VERMELHO



<https://youtube.com/shorts/ZNEZesr29oU>

Figura 69: VERDE



<https://youtu.be/86fAyqOEGj0>

5.3.3 Numerais

Apresentamos a seguir os sinais para os numerais e dias da semana sinalizados em Tiros. Praticamente tudo sobre números tem sinal, por conta da necessidade de comunicar valores, assim como os sinais para os dias da semana existem por necessidades comunicativas.

Em Tiros, sinaliza-se o termo “MÊS” (Figura 70) com a configuração de mão em pinça, palma da mão para frente do corpo, movimento curto e rápido para frente. Para falar a quantidade de meses, por exemplo 1 mês, 2 meses, 3 meses, é pela repetição do movimento da mão, ou seja, 1 mês equivale a 1 movimento, 2 meses a 2 movimentos e assim por diante. Expressando a quantidade de meses, eles podem comunicar sobre o plantio da lavoura, o nascimento de algum animal. Assim, utilizam o sinal do numeral em seguida o sinal de mês. Notamos que há iconicidade neste sinal, pois nos remete a folha do calendário e o hábito de marcar os meses passados. É possível comunicar tudo a respeito dos meses na língua de sinais Tiros.

Um sinal do contexto dos negócios é o sinal de “LUCRO” (Figura 71). Este é feito com as palmas das mãos abertas, o dorso da mão para fora do corpo, o movimento de aproximação até o pescoço. Eles são capazes de comunicar sobre compra, venda e lucro usando a língua de sinais Tiros, como escolhemos apresentar na Figura 80.

O terceiro sinal que comunica sobre valores é “MIL” (Figura 72), feito com uma das mãos com o indicador para cima e demais dedos abaixados sem movimento, com a outra mão, a palma da mão arredondada, fazendo movimento de passar por cima do indicador da outra mão. Para expressar milhares vão se levantando os demais dedos que estavam abaixados em MIL, ou seja, para expressar “DOIS-MIL” ergue-se o indicador mais o dedo do meio, para

expressar “TRÊS-MIL” ergue-se o indicador, dedo do meio e anelar e assim por diante. Para expressar “DEZ MIL” fazem as 2 mãos abertas (10 dedos) mais o sinal de “MIL”. Todos os numerais são possíveis de se comunicar em língua de sinais Tiros. Não percebemos ausência de sintaxe, ou falta de estrutura gramatical dessa língua. É uma língua completa.

Figura 70: 1-MÊS



<https://youtube.com/shorts/wp1yHB3clCA>

Figura 71: LUCRO



https://youtube.com/shorts/BFMjVJ23_j0

Figura 72: 1-MIL



<https://youtube.com/shorts/T6tXGyCQtY>

Vimos acima os numerais e agora damos continuidade apresentando os sinais de “ANO”, “DIAS DA SEMANA”, e “PERÍODOS DO DIA”. Perceba como sinalizar “ANO”, com a mão em garra, palma da mão para baixo e movimento de sobe e desce, expressão facial forte com a boca em O. A força das expressões denota o tempo transcorrido, que se passaram muitos anos, assim como fazemos em Libras inflando as bochechas junto com o sinal manual de “MUITOS ANOS” (Figura 73). Na língua de sinais Tiros, há sinais para os anos, meses e para os períodos do dia. “MANHÃ” (Figura 74) é feito com o antebraço na vertical, palma da mão aberta em direção lateral e movimento de entrada do cotovelo para dentro. “NOITE” (Figura 75) é feito com o antebraço na horizontal, palma da mão aberta orientada para baixo e movimento de subida do cotovelo. Identificamos a iconicidade do movimento com o movimento do sol no céu ao longo do dia.

Selecionamos 3 sinais de dias da semana para apresentar aqui. “SEXTA-FEIRA” (Figura 76) é feito com o indicador e o polegar em pinça em frente aos dentes com leve movimento de balanço, boca aberta e dentes cerrados. Questionamos aos familiares qual a motivação do sinal e disseram-nos que às sextas-feiras o dentista faz atendimentos no hospital e a população da zona rural faz fila para conseguir ser atendido.

O sinal de “SÁBADO” (Figura 77) é feito com a mão fechada e movimento circular em frente ao corpo. Este sinal é motivado pela tradição das festas serem sempre aos sábados e o movimento circular do braço seria em referência ao mexer a massa do bolo da festa. O terceiro sinal selecionado é o de “DOMINGO” (Figura 78) que é feito com os dois indicadores tocando-se no meio dos dedos formando uma cruz, porque aos domingos a família sempre vai à igreja. Mesmo sem ter intérpretes para os surdos, eles frequentam a missa. Também faz referência ao dia em que eles não trabalham, é o dia que a Família de Lenir descansa.

Figura 73: MUITOS-ANOS



<https://youtube.com/shorts/kHT2kSzneeA>

Figura 74: MANHÃ



<https://youtube.com/shorts/vIZaBsObwYo>

Figura 75: NOITE



https://youtu.be/VUc2JXNK_nk

Figura 76: SEXTA-FEIRA



<https://youtube.com/shorts/XC4ys9mLaal>

Figura 77: SÁBADO



https://youtube.com/shorts/TufpjG_R6yQ

Figura 78: DOMINGO



<https://youtube.com/shorts/a31xK7iozC0>

Outro termo que identificamos foram a respeito do grau diminutivo e aumentativo que também é presente na Libras. Quando é utilizado os sinais de aumentativo a expressão facial é marcada pelo arqueamento das sobrancelhas, bochechas infladas ou a boca arredondada, os ombros abertos para trás. Na Libras no grau diminutivo se usa as expressões faciais com as sobrancelhas mais franzidas, o arqueamento dos ombros para frente que expressam a intenção de tamanho reduzido. Esses parâmetros são muito semelhantes na LST, quase idênticos, apenas o sinal é diferente, mas os aspectos corporais e não manuais caracterizam ambas as línguas, como veremos a seguir.

5.3.4 Animais

Podemos ver pelas imagens abaixo a sinalização de animais através dos quatro sinais mostrados a seguir.

Agora vamos apresentar 4 sinais de animais que percebemos serem mais visualmente concretos. O primeiro deles é “CAVALO” (Figura79), feito com o indicador e o dedo do meio apontados para baixo e os demais dedos dobrados. O movimento é levemente para cima e para baixo. A expressão bucal é com os lábios apertados para frente. Este sinal faz referência a cavalgar o cavalo. O segundo é “GALINHA” (Figura 80) cuja palma da mão fica aberta passando no pescoço com movimento lateral. Este é motivado pelo preparo do frango em que é necessário cortar a cabeça do animal. O terceiro é “PORCO” (Figura 81), feito com a mão fechada e movimento em direção a axila e a língua para fora. Tem como referência visual a apunhalada no porco para seu consumo. O quarto sinal, o de “GATO” (Figura 82), é feito com o indicador e o polegar se esfregando e na boca o *mouthing* “xiau”.

Figura 79: CAVALO



<https://youtube.com/shorts/LRjL114iTl8>

Figura 80: GALINHA



<https://youtu.be/Qz8BJF6rzH0>

Figura 81: PORCO



<https://youtube.com/shorts/IgjgpKDUWLI>

Figura 82: GATO



<https://youtube.com/shorts/qhVLwIUVRJE>

Os sinais dos animais têm ligação com o mundo concreto, o que facilita a comunicação da família de Tiros.

5.4 ASPECTOS SINTÁTICOS DA LÍNGUA DE SINAIS TIROS

Ao observar a língua de sinais Tiros, notei que ela possui elementos sintáticos, como a comunicação com negação, intensidade e expressões não manuais, similares aos encontrados na Língua Brasileira de Sinais (Libras).

5.4.1 Negação

Pfau e Quer (2010) analisam as expressões não manuais, as quais envolvem dois tipos: olhos e boca. Eles discutem sobre o uso da articulação bucal na língua de sinais da Noruega, doravante NSL, a pesquisa destes autores identificou na comunicação sinalizada diversos usos de articulação bucal da mesma forma que nós identificamos tais usos em Tiros. A maioria dos sinalizantes faz uso da articulação bucal e pouco uso de expressão na testa e sobrancelhas ou apertamento dos olhos. A predominância é na região da boca que pode utilizar a língua para fora ou não como, por exemplo, utilizar a língua para fora se referindo ao sal. Naquela comunidade eles utilizam o coco babaçu que é feito apenas na boca com o movimento de mordida sem qualquer sinal manual ou a variação que usa a mão em forma de C em frente a boca mais o movimento de mordida da boca. Não há nenhuma referência às palavras do português na articulação bucal feita por eles, ou seja, não há nenhuma influência do português na língua de sinais Tiros.

Em línguas de sinais como a de Tiros, observa-se que a comunicação é predominantemente realizada através da boca em comparação com os olhos. Além disso, ao utilizar movimentos de cabeça, é comum associar a negação com a protrusão da língua.

Os não-manuais com significado linguístico devem ser distinguidos dos marcadores não-manuais puramente afetivos, como expressões faciais ou movimentos de cabeça que expressam repulsa, descrença ou surpresa, que são usados pelos sinalizadores da mesma forma que são usados pelos falantes. (Pfau; Quer, 2010, p. 381)

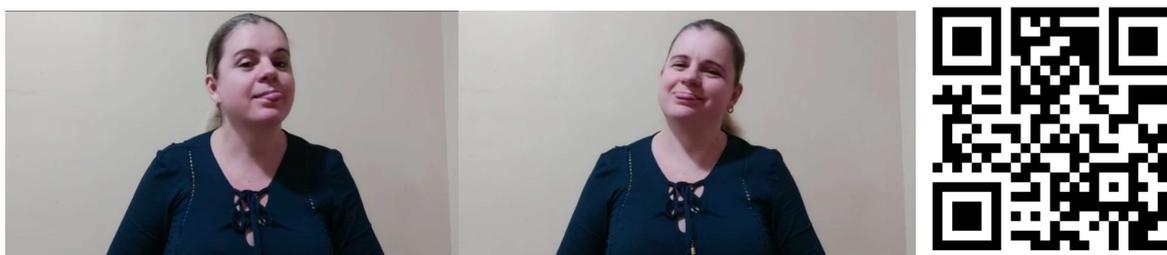
Como vimos na citação acima de Pfau e Quer (2010) sobre os morfemas na língua de sinais e seus diversos tipos, investigamos na língua de sinais de Tiros e pudemos identificar muitos usos de morfemas de expressões faciais, configuração de mão, articulação bucal,

intensificadores e o uso do corpo em expansão e retração associados à expressão facial expandida ou retraída, ou seja, os morfemas são muito utilizados em Tiros.

Nas imagens a seguir há dois sinais NÃO em diferentes contextos: um apresenta a língua para fora e o outro só a articulação-boca. Não apresenta o dedo indicador em movimento com significado de NÃO, tem o movimento da cabeça de um lado para o outro junto com a língua para fora. O outro sinal é feito sem movimento da cabeça e somente boca (Figura 84). Os dois sinais diferentes para NÃO-1 (Figura 83) e NÃO-2 (Figura 84), depende do contexto NÃO-PODER, NÃO-QUERER e NÃO-TER.

Veja as imagens:

Figura 83: NÃO-1 com língua



https://youtu.be/etBR-F__bbw

Figura 84: NÃO-2 sem língua



<https://youtu.be/xPL20cvZpJQ>

Percebemos que a compreensão da interação se dá pelo contexto da sinalização das participantes das figuras abaixo.

Identificamos o autor Dively (2001) e Vogt (2001) explicam sobre o morfema livre e o morfema com ausência das mãos em que é utilizado apenas a região da cabeça e movimentos para a comunicação, da mesma forma na língua de sinais Tiros há diversos usos do rosto e cabeça sem a utilização de sinal manual como no termo “ninguém” em que é feito pela

articulação bucal com a língua levemente para fora e movimento de apertar a língua com os dentes. Outro exemplo é feito com rápidos movimentos da língua para fora para dizer “sal” assim como podemos ver nas figuras abaixo (Figura 48). Outro exemplo é para o termo “bom demais” (Figura 53) em que a boca fica tensionada em O e há a passagem de ar pelos lábios sem a necessidade de utilizar as mãos ou há termos em que podem ser feitos junto com sinais manuais também.

No contexto doméstico, a interação era sobre tentativa de ligação telefônica para outro membro da família. Na primeira situação (Figura 83) a participante relata que tentou ligar para uma pessoa, mas não foi atendida, porque talvez não houvesse ninguém em casa para atender. a outra participante respondeu com o sinal de que significa NINGUÉM. A outra participante então respondeu dizendo que ela não havia conseguido retorno na ligação.

Veremos abaixo o sinal “NINGUÉM” (Figura 86) no sentido de “a casa estava vazia, ninguém atendeu o telefone”, temos aqui mais um sinal para “NINGUÉM” (Figura 86). Este é feito com as duas mãos abertas e os braços se movem em direção ao centro do corpo. Um exemplo de uso é a frase “não há pessoa alguma, ninguém” e um terceiro uma mão da sinalização, apenas a língua para fora e um leve balanço da cabeça para os lados. Um exemplo de contexto “fui a casa e toquei a campainha, NINGUÉM (Figura 87) me atendeu, portanto estava vazia”. Por fim, um uso com sentido de negação como por exemplo no diálogo “que piso bonito! Na minha casa **NÃO** tem” (Figura 88). Percebemos uma diferença na negação em comparação com a Libras que usa o movimento da cabeça de forma oposta.

Figura 85: NINGUÉM atender



https://youtu.be/t0LtclOQ_aI

(5) LST: IX NÃO-ATENDER.TP NINGUEM.NEG

Figura 86: NINGUÉM-1 vazio



<https://youtube.com/shorts/pyh0m7FjRBI>

(6) LST: 1.SG NINGUEM.TP

Figura 87: NINGUÉM-2 uma mão



<https://youtu.be/sZIYQ3RgDDw>

(7) LST: NINGUEM.TP CASA LÁ

Figura 88: NÃO mão com língua



<https://youtube.com/shorts/7Nk3L5l8LE8>

(8) LST: IX TER LA 1.SG NÃO-TER.TP

		
APONTAR (PISO)	TER	LA
		
EU		NÃO TER

(9) LST: APONTAR (PISO) TER. LA EU (MEU) NÃO TER

Português: que piso bonito! Na minha casa não tem

(10) LST: IX TER LA 1.SG NÃO-TER.TP

As figuras acima mostram a negação que, quando usa não ou vazio ou ninguém, sempre usa a língua um pouco para fora, mordendo-a. As últimas duas imagens mostram isso. O ato de

morder a língua, ainda que levemente, indica que pode ser usado EU-NÃO: minha casa não tem piso ou eu não tenho piso.

5.4.2 Intensidade

Retiramos dos vídeos dois usos do sinal “SABER” (Figura 89), a fim de ilustrar a intensidade. O primeiro é feito com o indicador tocando a cabeça e a boca aberta, sem movimento, já o segundo sinal identificado como “SABER MUITO” (Figura 90) tem os mesmos parâmetros, porém se diferencia do primeiro quanto ao movimento e as expressões faciais que demonstram a intensidade através da maior abertura da boca e o movimento de inclinação da cabeça para trás. Percebemos que os graus de intensidade dos sinais se dão pelas expressões faciais. Vejamos outros exemplos abaixo.

Figura 89: SABER



https://youtu.be/_pfaLjQhiTo

Figura 90: SABER-MUITO

(11) LST: SABER.O 1.SG 3.SG MEDO.TP SABER 1.SG 3.SG



<https://youtube.com/shorts/Yk7e9m48HpI>

(12) LST: SABER-MUITO 3.SG

Outro exemplo em que percebemos a marcação da intensidade é entre os sinais de “BOM” e “BOM DEMAIS” (Figura 91), feitos com o polegar levantado e os outros dedos abaixados. No primeiro caso, “BOM”, a boca permanece neutra, enquanto no segundo caso, “BOM DEMAIS” (Figura 91), a boca se altera por apertamento dos lábios e projeção para frente e o movimento da cabeça para trás.

Figura 91: BOM-DEMAIS com mão



https://youtube.com/shorts/_BLZSho7Fnc

Há outros sinais que demonstram intensidade pelas expressões faciais como veremos exemplos abaixo.

Também identificamos que na língua de sinais Tiros há o uso de numerais que mostraremos a seguir. O que nos interessa apresentar agora é o uso do sinal “PRIMEIRA VEZ” (Figura 92), feito com o arqueamento das sobrancelhas, a ponta da língua para fora e o movimento das mãos abrindo de baixo para cima. Nos chamou bastante atenção pelo alto uso de expressões faciais, juntamente com o levantamento dos ombros e a inclinação da cabeça para trás. Este sinal feito sem a intensidade no corpo e rosto não tem significado. Na Libras utilizamos o arqueamento da sobrancelha juntamente com o sinal manual, mas não utilizamos a língua, tampouco o movimento do tronco. Essa comparação entre as línguas é um aspecto muito interessante.

Figura 92: PRIMEIRA-VEZ



<https://youtube.com/shorts/255JJEu0qPA>

5.5 EXPRESSÃO NÃO MANUAIS EM LST

Pfau e Quer (2010) sobre os intensificadores de aumentativo e diminutivo na comunicação sinalizada, identificamos o uso de intensificadores na língua de sinais Tiros. Há muitos sinais produzidos em expansão para o aumentativo e em retração para o diminutivo associados a expressões faciais igualmente expandidas ou retraídas inclusive a utilização dos ombros para baixo.

Neste exemplo, a participante contava sobre dois amigos que se conhecem desde a infância e cresceram juntos. Para sinalizar sobre uma criança usa-se uma mão, se forem duas crianças usam-se as duas mãos. O sinal de CRIANÇA (Figura 93) é composto com a configuração das duas mãos abertas com a orientação da palma da mão para baixo, sem movimento, com a expressão facial com leve apertamento dos olhos juntamente com a língua para fora.

Figura 93: CRIANÇA



<https://youtube.com/shorts/iAtCpI3Tie8>

No próximo exemplo, mostraremos os sinais percebidos numa conversa sobre os valores monetário, identificamos que quando fazem o sinal PEQUENA-MOEDA (Figura 94), a configuração de mão é feita com a ponta do dedo indicador tocando a falange do dedo polegar para cima e os 3 dedos como garra. A orientação da palma da mão é para frente do corpo, sem movimento. As expressões faciais são de apertamento dos olhos, com a língua pressionada levemente para fora, corpo arqueado para frente. Esse sinal expressa o conceito de pequena quantia em dinheiro.

Figura 94: PEQUENA-MOEDA



https://youtube.com/shorts/_Np01DUlna8

No caso de ser sinalizado uma grande quantia de dinheiro é utilizado o sinal de GRANDE-MOEDA (Figura 95) cujos parâmetros manuais são os mesmos, tendo como diferença as expressões faciais que são bochechas infladas, olhos arregalados e as sobrancelhas arqueadas. A marca de aumentativo e diminutivo é representada pelas expressões faciais. Na Libras, o parâmetro manual que muda é o movimento do dedo indicador no dedo polegar. Por exemplo, no valor monetário menor, o indicador toca a base do polegar e a expressão facial do apertamento dos olhos e a boca (em bico) representando uma moeda menor, se for um valor monetário maior a ponta do dedo indicador toca a ponta do polegar e a expressão facial é de olhos arregalados, sobrancelhas arqueadas e bochechas infladas.

Figura 95: GRANDE-MOEDA



<https://youtube.com/shorts/T8hbRD1C-Bo>

O outro sinal que conseguimos identificar muito utilizado nos momentos de negócios, compra e venda é o sinal de BEZERRO (Figura 96) com as duas mãos feito em configuração de pinça, sem movimento localizado na cabeça e com a expressão facial dos olhos levemente fechados e com a ponta da língua um pouco para fora.

Figura 96: BEZERRO



<https://youtube.com/shorts/3WG8ovTXJ6A>

Agora apresentamos exemplos de graus de diminutivo e aumentativo. O sinal de “MAGRO” (Figura 97) é feito passando ambas as palmas das mãos no corpo e a língua levemente para fora. Há um outro sinal para o mesmo termo, feito com uma mão passando com o dedo polegar e o indicador no antebraço de cima para baixo com os demais dedos levantados e a língua levemente para fora. Nossa percepção é de que sinais que têm as expressões faciais mais suaves também utilizam a língua para fora. Ambos os sinais são utilizados em Tiros para se referir a “MAGRO” (Figura 97).

Figura 97: MAGRO



<https://youtube.com/shorts/qUSFwMWLIPw>

Os últimos dois sinais abaixo representam um filho com a idade MAIS-VELHA (Figura 98) e o outro MAIS-NOVO (Figura 99). A expressão facial do MAIS-VELHO é feita com as bochechas infladas, arqueamento das sobrancelhas e para o filho MAIS-NOVO a expressão é com a língua levemente para fora, os ombros arqueados para frente levemente.

Figura 98: MAIS-VELHO



<https://youtube.com/shorts/ycPISqY019E>

Figura 99: MAIS-NOVO



https://youtube.com/shorts/kxqkP8_hRWg

Acima explicamos os sinais de “FILHO MAIS VELHO” e “FILHO MAIS NOVO”. O sinal de “VELHO” (Figura 100) é feito com uma mão em configuração de L passando o dorso do indicador na bochecha, os olhos ficam apertados, a testa franzida.

Figura 100: VELHA



<https://youtube.com/shorts/DwKyXQZEGaU>

É possível comunicar tudo sobre temas da família e também temas de fora como pudemos ver na apresentação dos sinais.

5.5.1 Sinal manual e não-manual

Pfau e Quer (2010) reconhecem a importância da expressão não manual nas línguas sinalizadas. Além disso, destacam que outros articuladores, como o corpo, a cabeça e a face, também desempenham um papel significativo na gramática das línguas de sinais.

Veja nas imagens o sinal SAL, de duas formas diferentes: a primeira forma (Figura 101) usa somente expressões faciais com a língua para fora em movimento de abrir e fechar a boca, sem o uso das mãos. E a outra forma (figura 102) é feita com a língua para fora e com o dedo indicador na língua em movimento.

Figura 101: SAL-1 sem mão



<https://youtu.be/0qZeUt6OjMI>

Figura 102: SAL-2 com mão



https://youtu.be/AdJEr_RwLMg

Os diferentes sinais de SAL podem ser usados com o mesmo significado. Dependendo do contexto, utiliza-se somente articulação-boca (Figura 101) ou gesto-boca (Figura 102). Qualquer língua de sinais necessita de marcações não-manuais e isso não seria diferente para a Língua de Sinais Tiros, que utiliza expressões faciais de modo intenso, movimentação da boca e, também, da língua. Sem essas marcações faciais, os sinais não têm significado. Por exemplo: SAL requer que a língua esteja para fora, além de um movimento rápido. Se o movimento for lento, o sinal não será compreendido.

O sinal da fruta COCO-1 e COCO-2 pode ser feito de dois modos: sinal de articulação-boca (figura 103) ou boca-gesto figura (figura 104). O sinal de articulação-boca é utilizado em uma conversa natural ou um diálogo informal. Quando uma pessoa ouvinte que não conhece o sinal participa da conversa, então se usa o sinal com gesto-boca (Figura 99), para que aquela pessoa possa entender que se refere à rigidez da mordida no coco.

Existem muitos outros exemplos de sinais que usam somente expressão facial com articulação-boca. Veja o abaixo o sinal de COCO (fruta):

Figura 103: COCO-1 sem mão



<https://youtu.be/d6y2oDsYdPw>

Figura 104: COCO-2 com mão



<https://youtu.be/TdQTF4HOdt0>

Quando os surdos da comunidade de Tiros estão conversando, suas expressões faciais são tão rápidas que quase não são percebidas, como podemos ver na figura (106). Se um ouvinte entra na interação, os surdos de Tiros diminuem a velocidade da sinalização, como podemos ver na figura (105).

Há outros exemplos que incluem apenas a expressão facial, sem uso das mãos (Figura 106) e outros em que uma (Figura 105) ou duas mãos são utilizadas.

Figura 105: BOM-DEMAIS-1 com mão



<https://youtube.com/shorts/BLZSho7Fnc>

Figura 106: BOM-DEMAIS-2 sem mão



<https://youtube.com/shorts/XClhsWzSsHc>

Os sinais apresentados nas figuras acima foram produzidos numa conversa informal. Na figura 105, a pessoa usou o polegar com expressão facial boca arredondado. Na figura 106, ela estava segurando colher e garfo grande com as duas mãos e fez expressão facial com boca arredondado sem mãos. Os dois sinais têm o mesmo significado em LST que, assim como a Libras, tem muitos vários sinais sem mão ou com mão com o mesmo significado

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho discute o processo linguístico das línguas de sinais emergentes, com foco particular na Língua de Sinais Tiros. A análise revela que esta língua possui um léxico robusto, bem como elementos gramaticais, incluindo morfologia, semântica e fonologia.

A principal conclusão é que a expressão bucal, em conjunto com a expressão facial, desempenha um papel crucial na comunicação em Tiros. A protrusão da língua é o fator predominante na diferenciação de significados em sentenças negativas, interrogativas e diminutivas. Expressões faciais como franzimento de sobrelhas e apertamento dos olhos complementam os elementos linguísticos envolvidos na construção das sentenças. A ausência da língua protrusa dificulta a compreensão pelo interlocutor, sendo, portanto, um elemento obrigatório na comunicação. Essa característica é observada em todos os membros da comunidade de Tiros, incluindo familiares, amigos e conhecidos, que se comunicam de maneira fluida e espontânea. Isso demonstra a robustez e funcionalidade dessa língua de sinais.

Outro fator identificado, é que Ziva e Maria de Fátima são as principais sinalizantes desta comunidade. Ziva, que agora reside em Brasília, mantém comunicação com seus familiares em Tiros e seus três filhos através de chamadas de vídeo. Maria de Fátima, embora tenha passado um período em Uberaba, retornou a Tiros, onde continua a utilizar a língua de sinais local com sua família, incluindo seu segundo marido, Orlando, também fluente.

Alguns membros da comunidade misturam sinais de Tiros com Libras devido ao contato com outros surdos em Uberlândia. No entanto, em contextos familiares, conseguem distinguir e usar apenas os sinais de Tiros.

A Língua de Sinais Tiros tem sido usada por cerca de 80 anos para comunicar entre surdos e ouvintes. Gravei mais de 300 sinais para evitar que essa rica herança cultural se perca, pois há um risco de extinção. Algumas famílias, como a de Lenir e Ivani (surda), consideram Libras superior, mas é essencial valorizar e preservar a Língua de Sinais Tiros.

Durante entrevistas na pesquisa Haifa Clips, muitos participantes inicialmente se mostraram tímidos ou subestimaram a importância da Língua de Sinais Tiros. No entanto, a filmagem de diálogos naturais revelou a proficiência e espontaneidade na comunicação.

Foram filmados 10 participantes, 5 surdos e 5 ouvintes, em pares, realizando tarefas em língua de sinais. Por exemplo, um surdo assistia a um vídeo curto e depois replicava em sinais para que o ouvinte registrasse suas respostas. Essas interações demonstram a complexidade e a funcionalidade da Língua de Sinais Tiros.

Historicamente, essa língua tem sido usada desde a década de 1930. Anteriormente, havia mais de 31 sinalizantes, incluindo surdos e ouvintes, mas atualmente restam apenas 4 surdos em Tiros, com muitos tendo se mudado para Brasília e Uberlândia. A falta de registros da Língua de Sinais Tiros torna urgente sua análise e descrição (Braithwaite, 2019).

Almeida-Silva e Sousa (2018) comparam a produção e compreensão de narrativas em Libras entre surdos de comunidades urbanas e isoladas. Amorim (2015) observa que a maioria das crianças surdas tem pais ouvintes e, sem uma língua comum, sua comunicação familiar é limitada a gestos caseiros. Em Tiros, os sinais são passados entre gerações, incluindo a comunicação entre tios e sobrinhos surdos, bem como com outras famílias da comunidade.

A Língua de Sinais Tiros possui um léxico abrangente, incluindo sinais para cores, animais, verduras, frutas, dias da semana, numerais e sentimentos. Por exemplo, o sinal de "domingo" assemelha-se a uma cruz, refletindo a tradição de ir à igreja. Almeida-Silva e Nevins (2020) relatam que o ensino de Libras, às vezes, foca em aspectos não prioritários como, por exemplo, asseverar que os sinais da Cena são errados, feios, e a Libras seria a língua correta, ou ainda, reforçar o estigma de que a Cena seria ineficiente para a comunicação já que não dispunha de um léxico extenso como o da Libras.

Em Tiros, não se usa o alfabeto manual; em vez disso, a escrita no antebraço é uma estratégia comum. Almeida-Silva e Nevins (2020) observam que, assim como a Cena, Tiros carece de saudações e estratégias de polidez convencionais. De acordo com Almeida-Silva e Nevins (2020, p. 18)

Nossas observações preliminares são de que a língua de sinais Tiros usa muito mais expressão facial e a articulação-boca. Assim como nota Xavier (2017) para a Libras, o uso de “sobrancelhas franzidas, bochechas infladas, tronco inclinado, e mudanças no número de mãos e duração do sinal” são recursos miméticos metaforicamente vinculados à noção de intensidade.

Por exemplo, o sinal de doce é feito com a língua para fora e quanto mais ela estiver à mostra maior é a intensidade do sabor adocicado, por exemplo “muito doce” é feito com maior exposição da língua do que “menos doce”.

Gostaria de compartilhar que é muito importante que pesquisadores surdos se dediquem ao estudo de línguas de sinais emergentes. A interação entre surdos é fundamental para a valorização e compreensão dessas novas línguas. Quando descobri a língua de sinais na cidade de Tiros-MG e a influência da Família de Lenir, fiquei profundamente tocado e comecei a pesquisar muito sobre o assunto.

Na comunidade de Tiros, quase tudo é comunicado através da língua de sinais local, inclusive entre amigos e familiares da Família de Lenir. Acredito que possa haver outras cidades como Tiros-MG, onde famílias grandes, sejam surdas ou ouvintes, utilizam a língua de sinais para se comunicar. É essencial realizar pesquisas em outras cidades para identificar essas comunidades e fazer o registro das línguas de sinais utilizadas, garantindo que não se percam.

Eu fui o primeiro pesquisador surdo do Brasil a descobrir que na cidade de Tiros existe uma língua de sinais usada pela comunidade surda, incluindo famílias e amigos.

Acredito que a cidade de Tiros não seja a única com uma língua de sinais emergente, e que outras cidades possam estar "escondidas", esperando para serem descobertas e documentadas. A língua de sinais é extremamente valorizada pela comunidade surda e merece ser estudada e preservada com atenção e cuidado.

A pesquisa não tem fim e vou continuar investigando outras histórias ou novos sinais que aparecerem. Agradeço profundamente à Família de Lenir, do fundo do meu coração.

REFERÊNCIAS

ADRIANO, Nayara de Almeida. **Sinais caseiros**: uma exploração de aspectos linguísticos. 2010. 100 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2010.

ALMEIDA, Maria José Freire. O desenvolvimento da literacia na criança surda: Uma abordagem centrada na família para uma intervenção precoce. **Revista online Mediações**, v. 1, n. 1, 2009.

ALMEIDA-SILVA, Anderson; SOUSA, Roger S. Avaliação da capacidade expressiva e de compreensão da Libras: um estudo comparativo entre a aquisição de linguagem em comunidades surdas urbanas e desligadas. In: STUMPF, Marianne R.; DE QUADROS, Ronice M. **Estudos da Língua de Sinais**. v. 4. Florianópolis: Insular, 2018. p. 37-60.

ALMEIDA-SILVA, A.; IRA NEVINS, A. Observações sobre a estrutura linguística da Cena: a língua de sinais emergente da Várzea Queimada (Piauí, Brasil). **Revista Linguagem & Ensino**, v. 23, n. 4, p. 1029-1053, 6 nov 2020.

AMORIM, Lucio Cruz Silveira. **Percepções e sentidos da política educacional de surdos em Uberlândia/MG**. 2015. 144f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

ARAÚJO, P. J. P.; OLIVEIRA, A. F. de.; RODRIGUES, E. O. P. Por que escrever gramáticas de línguas de sinais emergentes. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 16, n. 2, p. 721–746, 2022. DOI: 10.14393/DL50-v16n2a2022-12. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/62084>. Acesso em: 6 nov. 2020.

AZEVEDO, M. J. S. **Mapeamento e contribuições linguísticas do professor surdo aos índios surdos da etnia Sateré-Mawé na microrregião de Parintins**. 2015. 115f. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) – Universidade Estadual do Amazonas, Manaus. Disponível em: <http://www.pos.uea.edu.br/data/area/dissertacao/download/23-13.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2020.

BANK, R.; CRASBORN, O.; VAN HOUT, R. Prominence of spoken language elements in a sign language. **Linguistics**, v. 54, n. 6. p. 1281-1305, 2016.

BRAITHWAITE, Ben. Sign language endangerment and linguistic diversity. **Language**, v. 95, n. 1, p. e161-e187, 2019.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. 2002.

CASTRO Jr., Gláucio de. **Variação linguística em Língua de Sinais Brasileira: foco no léxico**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

CERQUEIRA, I.F. & TEIXEIRA, E.R.T. Iconicidade e realidade: um olhar sobre a produção de sinais dos surdos do município de Cruzeiro do Sul/Ac. In: **Anthesis: Revista de Letras e Educação da Amazônia Sul-Ocidental**, v. 4, n. 08, p. 64-89, 2016.

COELHO, Luciana Lopes. **A Constituição do sujeito surdo na cultura Guarani-Kaiowá: os processos próprios de interação e comunicação na família e na escola**. 2011. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2011.

CULICOVER, P. W. **Natural language syntax**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

DAMASCENO, L. M.S. **Surdos Pataxó: inventário das Línguas de Sinais em território etnoeducacional**. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

DE VOS, Connie ; PFAU, Roland. Sign language typology: the contribution of rural sign languages. **Annu. Rev. Linguist.**, v. 1, n. 1, p. 265-288, 2015.

EBBINGHAUS, H.; HESSMANN, J. Sign language as multidimensional communication: why manual signs, mouthings, and mouth gestures are three different things. In: BOYES BRAEM, P.; SUTTONSPENCE, R. (eds.). **The hands are the head of the mouth: the mouth as articulator in sign languages**. Hamburg: Signum, 2001. p. 133151.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. Similarities and differences in two Brazilian sign languages. **Sign Language Studies**, v. 42, 1984. p. 45-56. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26203575>. Acesso em: 6 nov. 2020.

FERREIRA, L. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FUSELLIER-SOUZA, Ivani. Emergence and Development of Signed Languages: From a Semiogenetic Point of View. **Sign Language Studies**, v. 7, n. 1. Washington: Gallaudet University Press, 2006. p. 30–56.

GARCIA, Rosani Kristine Paraiso Garcia. **Um estudo sobre a expressão gramatical da polidez em Libras**. Dissertação (Mestrado de Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

GIROLETTI, M. F. P. **Cultura Surda e Educação Escolar Kaingang**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

GODOY, Gustavo. **Os Ka'apor: seus gestos e sinais**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020.

GOLDFELD, M. A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-internacionalista. São Paulo: Plexus, 1997.

GOLDIN-MEADOW, S.; Mylander, C. **Spontaneous sign systems created by deaf children in two cultures**. *Nature*: international weekly journal of science, Chicago, 15 jan. 1998. Seção Letters to Nature. 391, p. 279-281. Disponível em: <<http://www.nature.com/nature/journal/v391/n6664/abs/391279a0.html>>. Acesso em: 30 mar. 2009.

HOUAISS, A. (ed.) **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Instituto Antonio Houaiss. Rio de Janeiro: Objetiva Ltda, 2007.

KAKUMASU, James Yoshio. **Urubu-Kaapor sign language**. Summer Institute of Linguistics, 1968. Disponível em: http://www.biolingagem.com/ling_cog_cult/kakumasu_1968_urubukaapor_signlanguage.pdf. Acesso em: 30 mar. 2009.

KLIMA, Edward S.; BELLUGI, Ursula. *The signs of language*. Harvard University Press, 1979.

KUMADA, Kate Mamhy Oliveira. **No começo ele não tem língua nenhuma, ele não fala, ele não tem LIBRAS, né?:** representações sobre línguas de sinais caseiras = In the beginning he doesn't have any language, he doesn't speak, he doesn't have LIBRAS, right? : representations about household sign language. 2012. 136 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LEBEDEFF, T. B.; ROSA, Fabiano Souto. Processos de registro e políticas de patrimonialização de Línguas de Sinais. In: Nalú Farenzena. (Org.). VI ENCONTRO INTERNACIONAL DE INVESTIGADORES DE POLÍTICAS LINGUÍSTICAS. 1ed. Porto Alegre: UFRGS, 2013, p. 133-138.

MCCLEARY, Leland. **Sociolinguística**. Paraná: Curso de Licenciatura em Letras-Libras/ Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. Mimeo.

MAHER, T. M. Ecos de resistência: políticas linguísticas e línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, C.; Da SILVA, K. A.; TILIO, R.; e ROCHA, C. H. (Orgs.). **Política e políticas linguísticas**. Campinas, SP: Pontes, 2013.

MEIR, Irit; ARONOFF, Mark & SANDLER, Wendy & PADDEN, Carol. Sign language and compounding. In: SCALISE, S. & VOGEL, I. (Eds.). **Compounding**. John Benjamins, 2010. p. 301-322.

NONAKA, A. Language ecological change in Ban Khor, Thailand: an ethnographic case study of village sign language endangerment. In: ZESHAN, U., DE VOS, C. (Orgs.). **Sign Languages in Village Communities: Anthropological and Linguistic Insights**. Berlin: De Gruyter Mouton and Ishara Press, 2012a. p. 277–312.

NONAKA, A.M. Sociolinguistic sketch of Ban Khor and Ban Khor Sign Language. In: Zeshan, U., de Vos, C. (Eds.), **Sign Languages in Village Communities: Anthropological and Linguistic Insights**. Berlin: De Gruyter Mouton and Ishara Press, 2012b. p. 373–376.

NONAKA, A.M. Interrogatives in Ban Khor Sign Language: A Preliminary Description. In D.J. Napoli and G. Mathur (eds.). **Deaf around the world: The impact of language**. Oxford and New York: Oxford University Press. 2010.

NYST, V., 2007. **A Descriptive Analysis of Adamorobe Sign Language** (Ghana). LOT, Utrecht, The Netherlands.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. de O. Coleta de dados. In MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs.) **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

OLIVEIRA, A. F. de. **Aspectos da convencionalização de sinais em línguas de sinais emergentes do Brasil**. Dissertação (Letras), Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2021.

PEREIRA, E. L. **Fazendo cena na cidade dos mudos: Surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no Sertão do Piauí**. 2013. 416f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

PFAU, R. Manual communication systems: evolution and variation. In: PFAU, R., M. STEINBACH; WOLL, B. **Sign language: an international handbook**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2012. p. 513-551

PFAU, Roland; QUER, Joseph “Nonmanuals: their grammatical and prosodic roles”. In: BRENTARI, Diane (org). **Sign Languages**. Cambridge: University Press, 2010.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda, 1997.

QUADROS, Ronice M. de; KARNOPP, Lodenir B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller; CRUZ, Carina Rabello. **Língua de sinais: instrumentos de avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2011

QUADROS, R. M., LEITE, T. A., DINIZ, H. G., & NASCIMENTO, S. P. Estudo da Língua Brasileira de Sinais I. Série: Estudos de Língua de Sinais (Vol. I) Florianópolis: Insular, 2013.

QUADROS, R. M.; SILVA, D. S. das. As comunidades surdas brasileiras. In: ZAMBRANO, R. C.; PEDROSA, C. E. F. **Comunidades Surdas na América Latina**. Florianópolis: Editora Bookess, 2017, p. 135 – 152.

QUADROS, R. M.; **O paradigma gerativista e a aquisição da linguagem**. In: QUADROS, R.M. FINGER, I. (org.). Teorias de aquisição da linguagem. 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2017. 274 p.

QUADROS, R. M.; NEVES, B. C.; SCHMITT, D.; LOHN, J. T.; LUCHI, M. **Língua Brasileira de Sinais: Patrimônio Linguístico Brasileiro**. Editora Garapuvu: Florianópolis, 2019.

RAMOS, C. R. **Histórico da FENEIS até o ano de 1988**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2004. Disponível em: <http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo2.pdf>. Acesso em: 05 out. 2007.

ROCHA, Solange Maria da. **O Ines e a educação de surdos no Brasil: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos**. Rio de Janeiro: Ines, 2008.

SANDLER, Wendt, Irit Meir, Carol A. Padden & Mark Aronoff. The emergence of grammar: Systematic structure in a new language. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 102, n. 7, 2005. p. 2661–2665.

SANDLER, Wendy et al. Language emergence: Al-Sayyid bedouin sign language. **Cambridge Handbook of Linguistic Anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014, p. 250-284.

SILVA, Dina Souza. **Inventário das Línguas de Sinais dos vilarejos brasileiros: o caso da Cena (Jaicós – PI) e da Língua de Sinais de Caiçara (Várzea Alegre – CE)**, 2021.

STOKOE, W. C. **Sign Language structure**. Silver Spring, MD: Linstok Press, 1960

TEMÓTEO, J. G. **Diversidade linguístico-cultural da língua de sinais do Ceará: um estudo lexicológico das variações da Libras na comunidade de surdos do Sítio Caiçara**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2008.

VILHALVA, S. Índios Surdos: Mapeamento das Línguas de Sinais de Mato Grosso do Sul. **Coleção Cultura e Diversidade**. Petrópolis/RJ: Arara Azul, 2012.

WILCOX, Sherman. Cognitive iconicity: conceptual spaces, meaning, and gesture in signed language. **Cognitive Linguistics**, v. 15, n. 2, 2004. p. 119–147.

XAVIER, André Nogueira. Variação fonológica na Libras: um estudo da alternância no número de articuladores manuais envolvidos na produção dos sinais. **Anais do XVI Seminário de Teses em Andamento**. UNICAMP, 2011. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/article/view/1934>

XAVIER, A. N. Uma ou duas? Eis a questão! Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da língua brasileira de sinais (Libras). 2014. 146f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014

XAVIER, André Nogueira; NEVES, Sylvia Lia Grespan. Descrição de aspectos morfológicos da Libras. **Revista Sinalizar**, v. 1, n. 2, p. 130-151, 2016.

XAVIER, André Nogueira. A expressão de intensidade em Libras. **Intercâmbio**, v. XXXVI, p. 1-25, 2017.

ZESHAN, Ulrike. **Roots, leaves and branches**: The typology of sign languages. Sign Languages: spinning and unraveling the past, present and future. TISLR9, forty five papers and three posters from the 9th. Theoretical Issues in Sign Language Research Conference. Petrópolis, Editora Arara Azul, 2006. p. 671-695.